

Título do projeto: Rap e Repente: uma criação poético-musical entre jovens da periferia de São Paulo

Aluno: Agnes Silva Ribeiro, N° 6515203

Programa: PIC/FEUSP

Orientador: Monica do Amaral

I - Resumo

O projeto procurou desenvolver um trabalho com adolescentes a partir do rap e do repente nordestino, recorrendo aos estudos que há muito se tem feito sobre os gêneros da cultura jovem e da cultura popular, assim como os hibridismos entre os mesmos. Esta pesquisa pretendeu demonstrar como o trabalho com tais gêneros entre os jovens pode resultar em novas formas de expressão artística da cultura urbana. O Rap e os gêneros nordestinos, como o coco de embolada, o repente e a cantoria de viola, possuem em seus fundamentos aspectos semelhantes, podendo assim ser estabelecidas relações temáticas e musicais. A pesquisa nos demonstrou que apesar destes gêneros terem surgido em regiões e períodos distintos, os aspectos fundamentais que os aproximam podem ser trabalhados conjuntamente. Além da pesquisa de fundamentação teórica, o projeto envolveu uma pesquisa de campo envolvendo oficinas realizadas com jovens de faixa etária entre 13 e 16 anos, pertencentes a assim denominada Sala Oriente, na ONG Casa do Zezinho, localizada em um bairro periférico na zona sul de São Paulo, a fim de repensar alguns conceitos musicais e desenvolver momentos de criação e de experimentação, envolvendo o rap, assim como estes outros gêneros afro brasileiros, além de proporcionar momentos de reflexão em relação às suas origens e como estas se fazem presentes na vida e costumes dos jovens afro-descendentes, moradores da periferia de metrópoles como São Paulo.

Durante as etapas já relatadas anteriormente, foram exploradas questões relacionadas à formação do povo brasileiro, partindo das concepções a esse respeito sustentadas por Darcy Ribeiro (1995). Também nos debruçamos sobre questões relacionadas à periferia, em particular à história de formação do que se passou a chamar de hiperperiferia (Cf Carril, 2006) e de suas implicações para a formação da identidade pessoal e territorial dos jovens moradores destas regiões, onde se verificam as consequências nefastas de um verdadeiro desenraizamento territorial, familiar e cultural a que foram submetidos os nossos afro-descendentes desde o Brasil Colônia, e depois os migrantes nordestinos que vieram para a região sudeste em busca de emprego desde os anos 50. Debruçamo-nos, ainda, sobre questões, como a constituição do desejo, a sensação de pertencimento e o apelo ao consumo sobretudo entre esses jovens moradores da periferia de São Paulo. Paralelamente a tais estudos, foram utilizados referenciais teóricos a fim de proporcionar base sólida para o desenvolvimento do trabalho com os gêneros musicais e poéticos propostos.

Empregamos o termo periferia para nos referir às áreas localizadas em regiões mais distantes do centro da metrópole, que, de forma geral, constituem verdadeiros bolsões de pobreza (cf. Ferreira, 2010). Caracterizadas, em sua maioria, pela falta de infra-estrutura, ou mesmo quando esta é implementada de modo precário, tais áreas foram ocupadas pela camada mais pobre da população que, em razão de diversos fatores históricos, econômicos e sociais, foram sendo expulsas das regiões centrais para as zonas mais periféricas, sofrendo as consequências de uma verdadeira segregação territorial. Nesta pesquisa, abordaremos os fatores que contribuíram para esta situação e algumas de suas consequências para os moradores destas regiões periféricas, particularmente para a formação da identidade juvenil.

Apoiando-nos em Carril(2006), recorreremos ao termo hiperperiferia para determinar o modo como a população pobre e negra – afro-descendente e afro-indígena – e depois nordestina, acabou sendo expulsa para os fundões da cidade, no caso para os confins da Zona Sul de São Paulo. Esses migrantes, segundo Carril (2006), tiveram suas “raízes partidas” e reconstruídas nos bairros de periferia, na luta por moradia, educação, condições sanitárias

decentes, enfim, pelo direito a uma vida digna. Ocorre que o desemprego é também um “desenraizamento de segundo grau”, conforme assinalado por Bosi(1987). E o rap e o movimento hip hop, como um todo, nasceram dos reclamos de uma juventude marcada, tanto por essa desterritorialização, como pelo “não emprego”, cuja única propriedade reduzia-se a ter “identidade”, daí a necessidade de reconhecimento, de visibilidade (como fica claro nos grafites espalhados pela cidade) e de ser ouvida. O hip hop, com seu apelo universal, cada vez mais marcado pelo policulturalismo e pelo hibridismo, adquire um papel essencial na formação dos jovens, auxiliando-os a compreender o mundo em que vivem. Além de ter gerado muitas ocupações, criou uma forma de comunicação entre culturas distintas.

Nosso trabalho com os jovens adolescentes, moradores do Capão Redondo, consistiu exatamente em oferecer-lhes condições para a formação de uma consciência crítica desta identidade territorial, valorizando-a e conferindo a ela novos sentidos. Ou seja, por meio da poesia e da música, foi-se constituindo entre eles uma consciência crítica que envolvia, não apenas a compreensão da expulsão de suas famílias para estas regiões longínquas e desprovidas de recursos, como também foi um modo de fazê-los relacionar a situação precária de suas vidas e de suas famílias ao passado sofrido dos afro-descendentes brasileiros. Tudo isso fez parte da reconstrução de suas identidades juvenis.

Para o desenvolvimento das atividades na ONG Casa do Zezinho (CZ), foram utilizados diferentes estratégias de mediação que visavam proporcionar o contato e a imersão dos educandos nos temas propostos. Já as propostas, eram desenvolvidas partindo não apenas de nossas pesquisas, mas conforme os assuntos eram trazidos pelos próprios adolescentes, assim como, conforme realizávamos as atividades, aprendíamos com os alunos os melhores meios para a realização das oficinas seguintes que envolviam debates, leituras, exposições de filmes e composições de textos poético-musicais.

Gostaríamos ainda de fazer algumas considerações sobre as noções de juventude e adolescência, uma vez que neste trabalho recorreremos a esses termos sem fazer uma distinção clara entre eles.

“A juventude é uma condição social e ao mesmo tempo um tipo de representação.” (PERALVA apud SPOSITO, 1997). Do ponto de vista epistemológico, a noção de juventude apresenta relativa imprecisão. Alguns autores defendem a idéia de que a determinação desta noção deve se dar a partir de diferentes ângulos que levem em consideração outros aspectos além dos aspectos cronológicos. Sposito (1997) busca diferentes fontes a fim de explorar melhor a complexidade envolvida no conceito de juventude. Uma questão que a autora considera importante neste conceito diz respeito à *transitoriedade* existente neste período. Entretanto este período de transição, que se estende desde a heteronomia da criança até a presumida autonomia do adulto, vem sofrendo transformações, tanto relativas às suas características, quanto à sua duração. Procurando pensar sobre as diferenças sociais existentes na sociedade brasileira e os diferentes ciclos de vida para cada grupo e classe social, a autora considera ser possível que a noção de juventude abarque uma ampla faixa etária, indo dos 15 aos 24 anos. Ainda assim, ela destaca a necessidade de levar em consideração as particularidades existentes entre as diferentes sociedades e grupos sociais. Se por um lado, em países como a França há uma tendência a estender este período até os 29 anos, devido à ampliação do período chamado de moratória social, durante o qual o jovem, ao concluir sua escolaridade, não consegue se inserir nas atividades do mercado de trabalho formal. Porém, no caso do Brasil, principalmente em determinadas camadas sociais menos favorecidas, como a região do Capão Redondo, local de atuação de nossa pesquisa, a tendência maior é a de antecipação da entrada deste jovem nesta categoria antes dos 15 anos. Isso ocorre na medida em que, muitas vezes, este indivíduo sente a necessidade de assumir posturas e tarefas de responsabilidade adulta, como, por exemplo, adentrar no mercado de trabalho, ou mesmo envolvendo rompimento com a situação de dependência existente na infância. Sposito, recorrendo a Chamboredon, sustenta ainda que há outras dimensões da vida adulta – como a vida sexual - que podem ser assumidas não com a mesma carga de responsabilidade do adulto ou ainda ficar em ritmo de espera para efetivar suas potencialidades quando a oportunidade surgir, referindo-se no caso à postergação da entrada no mercado de trabalho:

(...) tanto a **descristalização**, significando dissociação no exercício de algumas funções adultas, e a **latência**, que separa a posse de alguns atributos do seu imediato exercício, seriam elementos importantes para o estudo dos jovens nos dias atuais. O primeiro caso – a descristalização - oferece como exemplo o exercício das atividades adultas da sexualidade já na puberdade, dissociado das funções reprodutivas e familiares. O segundo caso – a latência - seria ilustrado pela situação de posse de habilitação profissional oferecida pelo sistema escolar sem o imediato ingresso no mercado de trabalho, situação típica de países como a França (CHAMBOREDON apud SPOSITO, 1997, p. 07).

As questões apontadas pela autora apontam sobretudo para a extensão deste período transitório. Desta maneira ela sugere que cada vez mais a juventude necessita ser vista como uma forma de viver um determinado momento do percurso da vida e menos como um simples período preparatório para a vida adulta.

Em relação ao termo adolescência, o autor Jeammet (2007) apresenta a adolescência como um período de crises, transitório da infância para a vida adulta. Apesar do Brasil possuir uma legislação específica que determina uma correspondência cronológica para o início e término da adolescência¹ o autor salienta que o início desta é determinado subjetivamente a partir da entrada deste sujeito no período da puberdade, não tendo porém uma determinação semelhante para o seu encerramento. De acordo com ele, esta passagem da infância para a vida adulta deve ser determinada não apenas a partir de fatores biológicos, como o encerramento da puberdade, mas também sociais e culturais, como o compromisso conjugal e o ingresso na vida profissional, que estão relacionados à independência financeira e à autonomia do âmbito familiar. Tais aspectos acerca da adolescência se aproximam da definição de

¹ O artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera como adolescente aquele com idade entre doze e dezoito anos de idade.

juventude, tal como conceituada acima por Sposito (1997). Jeammet também menciona a extensão do período da adolescência, para um período que ele denomina como pós-adolescência, em decorrência de características sócio-culturais específicas. Juntamente com as mudanças fisiológicas, o autor apresenta toda esta etapa da vida, incluindo a pós-adolescência, como uma etapa de maturação psico-social de muita importância para o indivíduo de modo que ele afirma não ser possível passar por esta e permanecer do mesmo modo que se era anteriormente.

Ambos os autores abordam distintos aspectos deste período do desenvolvimento humano, referindo-se um à adolescência e outro à juventude, porém é possível observar algumas semelhanças nos dois conceitos, apesar de adotarem termos distintos. Nesta pesquisa, embora não tenhamos a intenção de utilizar os termos adolescência e juventude como sinônimos,, temos a consciência de que, embora conceitualmente exista uma diferença entre tais noções, nos permitimos a utilização dos termos jovem, juventude e adolescência de forma mais livre para nos referir à população pertencente à faixa etária aproximada entre 13 e 20 anos. Assim, permitimo-nos a liberdade de trabalhar tais conceitos a partir do viés psicossocial, no sentido de uma busca de crescimento e de reconhecimento, não apenas junto ao mundo adulto, mas do conjunto da sociedade, utilizando-os de maneira mais livre para retratar os alunos participantes da pesquisa e dos grupos, social e culturalmente prejudicados, do qual fazem parte.

Palavras chaves: Rap, Repente, Adolescência e Juventude

II - Metodologia/Procedimentos

Para a realização desta pesquisa inspiramo-nos em diferentes leituras sobre o método, a fim de construirmos uma melhor forma de desenvolver nosso trabalho de intervenção junto aos jovens pesquisados e refletir acerca das atividades realizadas com eles ao longo das oficinas. O trabalho realizado por Amaral (2011) serviu-nos de inspiração inicial. A autora discorre sobre os caminhos trilhados no decorrer do desenvolvimento de sua pesquisa junto a

alunos de uma escola pública da periferia de São Paulo. Recorrendo a um método híbrido das abordagens psicanalítica e etnográfica, a autora propõe um forma de “análise do discurso” do adolescente morador da periferia, buscando valorizar seu próprio discurso, suas vivências escolares e extra-escolares. Respeitando as concepções deste aluno, busca a partir de entrevistas e intervenções em sala de aula, tornar ciente, na medida do possível os percursos destes sujeitos a fim de estabelecer relações significativas entre a teoria, o sujeito e o objeto de estudo em questão. Assim nesta pesquisa buscamos compreender melhor os sujeitos envolvidos, mais especificamente neste caso, os adolescentes moradores de áreas periféricas mais pobres como o Capão Redondo, suas percepções e construções de mundo. Para isto nos ativemos a diferentes meios de aproximação e construção conjunta de reflexões e atividades.

Baseados na obra *Beats, Rhymes, and classroom life: hip hop pedagogy and the politics of identity* (Hill,2009), propusemo-nos, ainda, a realizar uma combinação entre a pedagogia do hip hop, proposta pelo autor M. Hill (2009) e a abordagem acima mencionada. A importância do trabalho deste autor diz respeito à utilização do hip hop, não apenas como mais uma estratégia de ensino, mas de apropriação de sua intencionalidade voltada à formação dos jovens pobres e negros, de modo que a partir dele sejam desenvolvidos os conteúdos de um conhecimento significativo para esta população. Assim o autor propõe o desenvolvimento de uma proposta de atuação que visa o desenvolvimento da identidade deste jovem participante, além da ampliação de sua concepção de mundo. Desta forma, ao invés de buscar “resgatar” este aluno de sua situação atual e de sua comunidade de origem, esta pedagogia busca na cultura de origem deste adolescente os objetos de estudo e de reflexão a serem desenvolvidos.

Durante a realização das atividades, buscamos nos ater e valorizar os relatos e falas dos alunos também estimulando os mesmos a compartilharem suas experiências e opiniões acerca dos assuntos tratados na atividade. Tais assuntos emergiam a partir dos próprios acontecimentos vivenciados pelos alunos ou da atualidade retratada em artigos de jornal. Combinando a pedagogia do hip hop com a proposta de “cura de feridas”, durante a realização

das atividades buscamos construir, juntamente com os alunos, um espaço de discussão que transcendesse a simples transmissão e reprodução de conteúdos acadêmicos. Desta forma, visamos construir um ambiente aberto à palavra onde o discurso do adolescente morador da periferia era valorizado a fim de proporcionar um espaço de reflexão e construção do pensamento crítico.

Como já foi dito anteriormente, buscamos na cultura hip hop o objeto de nossos estudos visando apreender seu caráter formador, de denúncia de desigualdades e discriminação como meio de afirmação e construção de identidade.

O trabalho envolveu intervenções conjuntas semanais junto aos adolescentes da turma Oriente, entre 13 e 16 anos que cursavam as 7as e 8as séries, e que frequentavam a ONG Casa do Zezinho fora do período de aulas. As intervenções foram feitas sob a coordenação da Profa. Dra. Monica do Amaral e cuidadosamente pensadas a partir das questões trazidas pelos jovens e estudos realizados sobre as relações entre periferia, favela, passado escravocrata, quilombos e a permanência de uma mentalidade escravocrata e patriarcal no país, resultando em uma sociedade marcada por desigualdades e injustiças. A escuta das músicas e letras de protesto dos rappers fez-se presente nas oficinas, sempre procurando relacioná-las com a realidade de vida de nossos antepassados e a realidade atual nas favelas. Nossa estratégia de trabalho, portanto, envolveu a apresentação de documentários, clipes, matérias de jornal, músicas, como estratégias para “alimentar” a criação conjunta de textos, envolvendo narrativas, rimas, batuques (com a utilização de instrumentos de percussão) e letras de rap.

Partindo das criações do repente e do rap, pretendíamos abordar e explorar suas origens, relacionando-as, na medida do possível, com a origem cultural e os usos e costumes das famílias dos alunos participantes das oficinas. Também tínhamos como objetivo a abordagem da diáspora africana, a migração forçada da população pobre nordestina para o sul e seus desdobramentos e implicações para a vida de seus descendentes que acabaram se alojando precariamente na periferia das grandes cidades. Para tanto, recorreríamos a um material que fosse significativo para os educandos, como livros, revistas, jornais, recursos de áudio, como mp3 e Cd's, vídeos e

recursos virtuais, como programas e páginas da internet. Também pretendíamos utilizar instrumentos musicais que possuísem ligação com a proposta, como por exemplo o pandeiro para ensaiar algum repente do coco da embolada.

Em nossa pesquisa pretendíamos estimular, junto aos adolescentes, criações em desenho, ou ainda sob a forma de poesia, a partir da compreensão de aspectos relacionados ao tema, por meio de atividades que proporcionassem a criação e a improvisação, realizadas por estes adolescentes, de forma que viessem a se sentir autores destes conhecimentos, vivenciando assim o saber de forma significativa.

Propusemos então um plano de atividades dividido inicialmente em dois semestres. Cada um destes semestres seria subdividido de acordo com a temática a ser explorada. Até o momento de elaboração deste segundo relatório nos foi possível desenvolver parcialmente a proposta, dada a amplitude de conteúdos relacionados com o interesse dos alunos e a profundidade com que foi buscada. Durante esta etapa nos propusemos a desenvolver atividades reflexivas e de atuação prática relacionadas à diáspora africana, às origens dos alunos e seus familiares, ao Hip Hop como elemento de expressão e de educação, além da história de constituição das grandes periferias.

Nas primeiras intervenções, propusemos atividades que permitissem uma aproximação e uma visão crítica das principais questões que afligiam os adolescentes do Capão Redondo, a partir das quais daríamos continuidade ao nosso trabalho. Em reuniões realizadas anteriormente com Tia Bia (coordenadora da Casa do Zezinho), nos foram apresentadas as histórias difíceis dos jovens e de suas famílias, e também das possíveis dificuldades que encontraríamos no desenvolvimento do trabalho com estes jovens, como as relacionadas aos conteúdos escolares, o domínio da leitura e da escrita, as dificuldades de expressão de pensamentos e sentimentos e também as dificuldades relacionadas aos relacionamentos interpessoais. Sendo assim, decidimos que nossas primeiras oficinas estariam direcionadas à apreensão dos gostos musicais e perspectivas destes adolescentes. Decidimos em um primeiro momento, desenvolver com estes adolescentes atividades que

possibilitassem a expressão de sentimentos a partir de meios não verbais, como desenhos e composição de textos, para que assim que se sentissem mais à vontade pudessem expor suas ideias e expectativas.

Após esta primeira parte, partimos das manifestações e expressões apresentadas pelos próprios alunos e adentramos no movimento Hip Hop buscando compreender seu histórico, as transformações ocorridas no decorrer do tempo, seus segmentos, formação e objetivos. De forma muito interligada desenvolvemos atividades que compreenderam a diáspora africana, a luta dos escravos por sua liberdade, a formação dos quilombos. Abordamos, ainda, as desigualdades existentes ainda hoje no país, e em que medida são consequência de anos de exploração e de descaso para com a população menos favorecida. Paralelamente às questões da história do país e de sua formação sociopolítico-econômica e territorial, buscamos trabalhar com os cotidianos dos alunos juntamente com seus anseios e perspectivas para o futuro. Diante da vastidão dos assuntos abordados, ainda neste período não nos foi possível o desenvolvimento dos gêneros nordestinos, cabendo apenas a introdução deste e a reflexão e produção sobre as questões da diáspora nordestina. Para a realização destas etapas utilizamos muitas músicas, de grupos já reconhecidos, porém também realizamos diversas composições texto-musicais. A partir do contato direto com as sonoridades, expressões e fundamentos apresentados, exploramos seus conteúdos temáticos, a partir das letras e suas normas composicionais, juntamente com a estruturação das rimas e meios de expressão linguística utilizados por estes.

Para a fundamentação teórica desta pesquisa de iniciação científica, se fez muito importante os estudos sobre a adolescência e os conflitos adolescentes, vistos sob a ótica de autores como Aberastury e Knobel (1981) e Jeammet (2007), pesquisadores no campo da psicanálise sobre a adolescência, que consideram os aspectos relacionais e o suporte do meio, fundamentais para a construção da identidade na adolescência.

A obra “Cabeça de porco”, de Athayde, Bill e Soares (2005) também nos foi fundamental por apresentar diversos aspectos referentes aos adolescentes moradores de periferias, cujo cotidiano se vê marcado por seus conflitos e dificuldades diárias, pela violência e restrições impostas a uma classe social

prejudicada há muito tempo e praticamente esquecida pelas políticas públicas urbanas de metrópoles como São Paulo.

Os referenciais teóricos e as reflexões apresentadas no decorrer desta pesquisa foram realizados a partir das questões e necessidades encontradas durante o trabalho de campo, realizado em forma de oficinas ministradas na ONG Casa do Zezinho com os adolescentes da turma Oriente.

Tais reflexões tornaram possível a compreensão de diversos aspectos de grande relevância sobre a adolescência, as populações moradoras de periferias, suas origens históricas e sociais, além de permitir identificar a importância do Hip Hop como manifestação cultural e de contestação para esta população.

A partir do debate a respeito de questões do passado e do presente envolvendo as comunidades de afro-descendentes, da criação de textos e de músicas, sempre contando com a participação ativa dos adolescentes, a análise crítica das diversas situações vividas por eles na comunidade, a realização de oficinas proporcionou aos jovens um ambiente favorável à criação poético-musical.

Um determinado compositor, que posteriormente viria a dar grande colaboração para a educação musical, chamou-nos muito a atenção em relação às suas propostas para a educação como momento de formação integral do ser humano. Apesar de muitas vezes suas ideias serem entendidas como relativas apenas à educação musical propriamente dita, acreditamos que possam servir como fio condutor do trabalho de reflexão em diversas outras áreas.

Trata-se de Koellreuter, cuja proposta de trabalho pareceu-nos condizente com a proposta presente neste trabalho. Sua formação e seus interesses o levaram a desenvolver propostas de educação interdisciplinar criando diversas relações com outras áreas, de forma que estas privilegiassem o ser humano. Em seus projetos de educação buscava encarar a criação como elemento prioritário. De forma semelhante propusemo-nos nesta pesquisa a desenvolver estratégias de criação voltadas aos adolescentes, com ênfase no Hip Hop.

Brito (2001) salienta que o professor Koellreutter, em seus ensinamentos e práticas guiava-se, principalmente, a partir da observação de seus alunos, buscando sempre compreender e respeitar suas necessidades, suas culturas, seus conhecimentos prévios e seus interesses, buscando, juntamente com estes sujeitos que possuem expectativas, desejos e uma história de vida, a elaboração de propostas que valorizassem a criação, o debate, o questionamento e a análise crítica, além de outros aspectos necessários para a formação de um sujeito integral. Suas propostas envolviam situações de ensino-aprendizagem, de forma que este conceito era aplicado tanto ao educador quanto ao educando em questão. Em busca deste “espírito criador” este educador criticava a utilização fechada e restritiva de métodos repetitivos e restritivos.

Em relação ao conteúdo, Koellreutter afirmava ser necessário “ensinar aquilo que o aluno quer saber” (Brito, 2001, p. 31), aquilo que faz sentido e lhe traz um significado. Em lugar da padronização, ele sugere o estímulo da criatividade e da aquisição de conhecimentos integrados às outras áreas da vida. Criticava também os programas que visavam resultados imediatos ou que valorizassem os fins em detrimento dos meios. “O caminho se faz ao caminhar” (Brito, 2001, p. 31).

III - Referencial Teórico:

III.1 - Discussão sobre as relações entre a música e a construção da identidade juvenil em situações de risco

Em sua obra “A música e o risco” Hikiji apresenta relevantes fatores para se pensar no estudo da música relacionada à sociedade. Além disto, a autora estabelece importantes relações com projetos como O Projeto Guri (Projeto de música desenvolvido em regiões e instituições menos favorecidas de São Paulo), seus objetivos e seus meios de trabalho.

Hikiji (2006) inicia discorrendo a respeito de quatro situações que envolvem o exercício da música em sociedades e ocasiões distintas, para posteriormente evidenciar os aspectos comuns. Em todas as situações citadas por ela, os indivíduos buscam uma forma de realização através da música a fim

de, adentrar “os universos de significados dos grupos pela esfera da sensibilidade”. (Hikiji, 2006, p.48) A seguir, a autora escreve sobre a abordagem da antropologia dada a tais aspectos. Ela cita o povo indígena Suyá, que dá maior valor ao sentido da audição do que ao da visão (sentido que se tornou superestimado na sociedade ocidental urbana atual). Juntamente à dimensão verbal, a dimensão visual tem forte presença na investigação das ciências humanas e sociais. Citando Dilmar Miranda (2001, apud Carril, 2006, p. 52), a autora lembra que a filosofia moderna ocidental, passou a evitar a música por não ser de caráter racionalista. A seguir ela afirma, “porém se o intuito do ocidente era o ‘expurgo das pulsões dionisíacas’ da matéria musical, este nunca foi totalmente alcançado: ‘a música sempre manteve resíduos de irracionalidade’” (Hikiji, 2006, p.53). Ela atribui a estes “resíduos” a dificuldade de aproximação entre a música e as ciências sociais, firmando cada vez mais a etnomusicologia como área de conhecimento independente. Nesta obra Hikiji (2006) também menciona a importância sentida por ela de promover performances juntamente com os jovens que participavam de sua pesquisa.

A autora discorre sobre aspectos do estudo da música realizados pela antropologia e a etnomusicologia, a partir da visão destes pesquisadores. Partindo destes diferentes pontos de vista Hikiji expõe pontos de vista distintos que discorrem sobre a função da etnomusicologia e os estudos entre música e sociedade. Dentre estes, o autor Blacking (1995 apud, Hikiji, 2006, p. 64) nos chamou maior atenção. Ele afirma que a arte não pode mudar a sociedade, mas que “pode confirmar condições pré-existentes”. Esta afirmação vai ao encontro das propostas de denúncia e exposição da desigualdade social da periferia encontradas no movimento Hip Hop e que a partir desta pesquisa, buscamos relacionar aos gêneros da poesia popular nordestina, de modo a potencializar a crítica e a produção poético-musical dos adolescentes.

Hikiji (2006) também reflete acerca da utilização da música como política de arte-educação. Para tal, se apropria de exemplos como o projeto Guri, que possui como proposta, não a formação de músicos profissionais, mas a utilização da música como forma de intervenção social para jovens de baixa renda, promovendo lazer, afastamento de situações de risco, recuperação da auto-estima e outros aspectos atribuídos ao desenvolvimento de atividades

ligadas a esta. Como exemplo da utilização da música para estes fins e da ligação desta com a política, a autora também cita o canto orfeônico implantado por Villa Lobos no Brasil nos anos de 1930.

Os anos 30, na história do Brasil, possivelmente representam os únicos momentos em que a educação musical foi pensada como projeto nacional. Durante o período do Estado Novo, Villa Lobos desenvolveu o projeto ligado ao canto orfeônico, que incluía a formação de profissionais educadores da área e outros aspectos ligados à mesma. As grandes apresentações incluindo um grande número de coristas e espectadores, também caracterizaram tal manifestação.

Segundo Arnaldo Contier (1988, apud Hikiji, 2006, p. 73), eles se apropriaram do caráter civilizador da música para a realização de seus propósitos e valorização de características como, civismo, patriotismo, disciplina e trabalho, próprios ao projeto nacionalista de cunho autoritário implantado durante o Estado Novo (de 1937 a 1945).

A autora ainda expõe a visão de Wisnik (1982 apud Hikiji, 2006, p. 74), para quem tal projeto se aproximava da catequese realizada pelos jesuítas. Segundo ele, Villa Lobos e o Estado Novo buscavam desconstruir o individualismo a fim de que o ser individual fizesse parte de um todo. Os defensores de tal movimento salientavam a importância da coletividade, porém, neste contexto, a coletividade dizia respeito à disciplina e à obediência e era, assim, convertida em massa. Em contrapartida, aponta que, nos projetos atuais, são valorizados aspectos, como cidadania, sociabilidade, crítica, protagonismo, entre outros.

Hikiji (2006) estabelece relações entre o canto orfeônico e os projetos atuais, como o projeto Guri, salientando a questão da disciplina exercida por meio da educação musical, muito valorizada em ambos os casos. Em projetos mais atuais, como o Projeto Guri, a autora ressalta a dicotomia estabelecida entre a música erudita e a música popular, de acordo com a qual a primeira é colocada como superior à segunda. Além disso, também ressalta o desconhecimento de seus coordenadores do repertório musical dos jovens atendidos pelo Projeto. A partir de depoimentos de diversos educadores do Projeto, chega à conclusão de que sua realização efetiva, quando conduzida

pelos educadores, difere do que aparentemente foi apresentado pelos coordenadores, e que muitos deles desenvolvem atividades com um repertório mais aberto, permitindo maior trânsito entre a música popular e a erudita, pondo em prática a idéia de orquestração, de forma mais maleável. Afirma, nesse sentido, que, apesar de ainda se valorizar a disciplina, os projetos atuais já não a trazem como o centro de suas preocupações.

Atualmente tem crescido o número de projetos que visam desenvolver atividades artísticas entre jovens denominados “em situação de risco”. Tais atividades buscam o desenvolvimento de valores, como “identidade”, cidadania, auto-estima, entre outros.

Primeiramente a autora analisa a expressão “situação de risco”, comumente utilizada para denominar jovens participantes de tais projetos. Segundo ela, o risco está relacionado à desestruturação familiar, às ruas e a situações de violência. Dentre outros objetivos, estes projetos visam prevenir e combater tais situações, além de buscar proporcionar a realização dos direitos declarados no ECA (estatuto da criança e do adolescente).

Tal relação estabelecida entre o risco e a violência é muito importante no Brasil. Algumas regiões possuem altos índices de mortalidade reegistros de violência envolvendo, sobre tudo, jovens pobres.

Hikiji (2006) menciona que, ao fim do século XIX, os juristas passam a utilizar a expressão *menor criminoso* para os adolescentes e crianças moradores de rua ou abandonados, em geral frequentadores dos centros das grandes metrópoles, que realizam pequenos delitos. Também aborda a inversão de papéis sustentada por uma determinada concepção ideológica, de acordo com a qual o jovem passa a ser visto como o protagonista da violência ao invés de vítima desta. Portanto, a sociedade atual tende a fazer muito rapidamente uma associação entre o abandono, a pobreza e a criminalidade. Sendo assim, o risco, abordado pelas instituições responsáveis por tais projetos, abrange não somente a falta de recursos financeiros, mas também a exposição a fatores, como o crime, o desemprego, as drogas, a violência familiar, etc. As atividades de arte e educação visam contrapor-se a estes fatores, promovendo a cidadania, a auto-estima e a sociabilidade.

Muitos dos projetos de arte-educação visam contribuir para a valorização da auto-estima entre os jovens participantes. A autora atenta para o abuso do emprego deste termo e conseqüentemente, resultando no esvaziamento do sentido do mesmo. Segundo a autora, muitas afirmações partem do pressuposto de que os jovens de baixa renda possuem uma baixa auto-estima. Porém, ela lembra que, apesar de se poder identificar esta baixa auto-estima em grande parte destes jovens, trata-se de uma característica que não pode ser generalizada. Ressalta ainda que os jovens de periferia encontram outras formas, além da música, como alternativas para fazer face à invisibilidade que lhes é imposta. Hikiji (2006) descreve o trabalho, com música, realizado com os jovens internos da FEBEM. Ela salienta a busca dos coordenadores em trabalhar com os jovens a auto-estima, visando a valorização destes como seres humanos, e buscando desfazer o processo de impessoalização, humilhação e invisibilização causados por suas condições de vida. De acordo com ela, antes desta busca ser realizada a partir da música, estes jovens pretendiam ser vistos e valorizados de outras maneiras. O porte de uma arma, a participação em um grupo criminoso, são modos de buscar status e poder, de forma a conquistar um espaço e ser visto, ainda que seja pela imposição do medo.

De acordo com os educadores atuantes na antiga FEBEM, atual Fundação Casa, a atuação com a música traz muitas mudanças, tanto na postura como na maneira de estabelecer um relacionamento interpessoal entre os jovens. Segundo estes educadores, os benefícios adquiridos pelos jovens participantes, podem ser notados em suas posturas e maneiras de agir. Além disto, trazem benefícios duradouros, a partir do momento em que estes internos tomam consciência de que podem produzir algo belo e que podem ser vistos de uma nova maneira, deixando de lado o estereótipo de marginais ou de criminosos como única via de auto-afirmação.

III. 2 Caminhos de pesquisa teórico-metodológica

Embora no relatório anterior, já tivesse discorrido sobre alguns aspectos da formação populacional e social do país, pareceu-nos necessário, ainda,

complementar estes estudos, abordando aspectos relativos à formação das periferias e buscar referências sobre a formação da identidade do afro-descendente, principalmente no Brasil. Daí a necessidade de resgatar os estudos anteriores para relacioná-los com os atuais.

Sustentamos que o Brasil é um país que apresenta a miscigenação em sua origem, com todas as tensões e contradições que isso implica. Esta miscigenação faz parte da construção do país, sua cultura e seus costumes. Em seu livro *O povo brasileiro*, Darcy Ribeiro (1995, p. 27) sustenta o seguinte:

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas.

Em relação à cultura e aos costumes dos povos originários do Brasil, é inegável a grande influência exercida por estes nas culturas e produções artísticas contemporâneas. T tamanha influência pode ser identificada tanto em relação às danças como no que se refere às formas musicais e instrumentação utilizada. É possível afirmar que esta presença muitas vezes pode ser observada, nas produções atuais, em sua forma original, ou muito próxima desta, sendo, portanto, apresentada como uma espécie de releitura do passado com olhos do presente, realizando assim, o que Béthune (2003 apud Ferreira, 2010) em seus estudos designa como ‘telescopia histórica’, termo empregado para representar o processo de ‘tornar próximo objetos distantes’. O rap como produção artística poético-musical, se utiliza de formas de expressão muito próximas da linguagem comum, muitas vezes reproduzindo cenas do cotidiano das populações da periferia de metrópoles como São Paulo, e assim denunciam as opressões e desigualdades experimentadas, além de propiciar aos jovens uma forma de afirmação étnico-social. E o fazem, no caso do Brasil, trazendo em suas composições aspectos provenientes da cultura afro-brasileira. Atualmente há diversos grupos brasileiros que exploram as

sonoridades brasileiras e a partir da música e da poesia do Rap utilizam instrumentos e formas composicionais provenientes de gêneros como o repente característico do nordeste brasileiro. Dentre estes pode-se citar os grupos: “Confluência rap e repente”, “Hip Hop de mesa”, o rapper “Zé Brown”, entre outros.

Dentre as relações estabelecidas, pode-se dizer que a utilização da improvisação como ferramenta composicional confere um importante elo entre os gêneros citados anteriormente. O improviso, por sua vez, pode ser encontrado tanto no viés musical como no textual, utilizando-se das rimas como estratégia de desafio.

A realidade de vida na periferia apresenta diversas dificuldades. Os moradores das periferias das grandes cidades são fruto de décadas de uma política de segregação, que perpetua até o presente. Em *O povo brasileiro* (1995), Darcy Ribeiro expõe como a chegada dos europeus no território brasileiro modificou as relações interpessoais, sociais e econômicas existentes até o momento. Segundo o autor era costume de muitos destes povos indígenas receberem o estrangeiro tornando-o parte de sua família, a partir do casamento, costume este denominado cunhadismo. A partir do cunhadismo, o estrangeiro passava a ter uma relação de parentesco com praticamente todos os indivíduos daquela comunidade. E assim, encontraram um modo de recrutar mão-de-obra para o trabalho de exploração e subsistência em seu novo território.

Como cada europeu posto na costa podia fazer muitíssimos destes casamentos, a instituição funcionava como uma forma vasta e eficaz de recrutamento de mão-de-obra para os trabalhos pesados de cortar paus-de-tinta, transportar e carregar para os navios, de caçar e amestrar papagaios e soins. (Ribeiro, 1995, p.73)

O autor ainda afirma que esta prática revelou-se fundamental para o povoamento do Brasil. Entretanto, também resultou na formação de uma nova composição étnico-social, os ‘brasilíndios’, que não se consideravam nem

brancos, nem índios, e que não encontravam identificação com os exploradores europeus.

Naquela busca de sua própria identidade, talvez até se desgostasse da ideia de não ser europeu, por considerar, ele também, como subalterno tudo que era nativo ou negro. Mesmo o filho de pais brancos nascido no Brasil, mazombo, ocupando em sua própria sociedade uma posição inferior com respeito aos que vinham da metrópole, se vexava muito da sua condição de filho da terra, recusando o tratamento de nativo e discriminando o brasilíndio mameluco ao considerá-lo como índio (Ribeiro, 1995, p.114).

Neste trecho, é possível observar atitudes e um olhar preconceituoso em relação aos brasilíndios e afro-descendentes que se fazem presentes ainda hoje na mentalidade atual das elites brasileiras; preconceito este que se vê potencializado pela mídia, e que faz, muitas vezes, com que se sobrevalorize o indivíduo com características européias, conferindo a este um padrão de superioridade em relação aos descendentes dos assim chamados “mestiços”. Estes, diante desse olhar, desenvolvem um sentimento de inferioridade, como se não fizessem parte da sociedade brasileira².

Diante das batalhas, pestes e mudança de hábitos cotidianos, que os forçava a desenvolver trabalhos pesados e que não se encontravam em acordo com seus hábitos de cultura de subsistência, grande parte da população indígena pereceu, o que concorreu para a redução drástica de sua presença no território, presença antes predominante. É iniciado então o comércio negreiro no país. Com a chegada de alto contingente de escravos oriundos de diversas partes da África, surgem novas formações étnicas, dando início ao surgimento dos afro-brasileiros. E a partir de então, a miscigenação ocorre no território, porém sob o jugo da segregação hierárquica e da submissão. Ferreira (2010) discorre sobre o processo de segregação e “apartação social”, ocorridos no

² Em “Afro-descendente: Identidade em construção” Ferreira (2000) apresenta mais alguns aspectos referentes a este sentimento de inferioridade e desvalorização vivido pelo afro-descendente no Brasil.

século XIX e acentuados em meados do século XX, uma vez que grande parte desta população e de seus descendentes não usufruíram dos benefícios do processo de urbanização e desenvolvimento do país. Em muitas metrópoles de nosso país, assim como em outras metrópoles ao redor do mundo, o processo de “desenvolvimento” ocorre de forma a salientar a *“segregação socioespacial da população de baixa renda.”* (Ferreira, 2010, p.20) Com isso, grandes áreas de habitação com concentração de trabalhadores das classes menos favorecidas se formaram nas metrópoles, geralmente em uma localização periférica, distante dos grandes centros de lazer e de trabalho. Em geral, estas habitações são construídas sem que para tal tenha ocorrido uma preocupação anterior com a oferta de serviços básicos, como saúde, transporte, educação, pavimentação, lazer entre outros. Estas segregações geraram verdadeiros “bolsões de pobreza”, onde se observa a concentração de uma numerosa parcela da população de trabalhadores da classe operária, cuja descendência remonta predominantemente aos povos indígenas e africanos³. Estes trazem consigo anos de segregação e discriminação, gerando forte sentimento de menos valor, que se vê aguçado por uma sociedade, que ainda os concebe e os trata como inferiores.

Em seu texto acerca da humilhação social, José Moura Gonçalves Filho (1998) aprofunda-se nestes sentimentos de não-valorização, exclusão e invisibilidade. A partir de seus estudos, o autor discorre sobre como o indivíduo de classe social mais baixa, sofre constantes rebaixamentos e como passa a agregar a si um valor menor. O autor afirma que as constantes demonstrações de descaso sofridas por este a partir de um indivíduo, oriundo de uma classe social considerada superior ou por autoridades do Estado, desencadeiam sentimentos de invisibilidade e uma sensação de não pertencimento ou não merecimento.

O autor menciona a situação do migrante que, ao ser forçado pelas circunstâncias, a mudar radicalmente para um novo território que possui uma nova cultura, sofre um forte desenraizamento. Um significativo exemplo deste

³ Em “Quilombo favela e periferia” Carril (2006) discorre sobre a formação das hiperperiferias e do posicionamento do estado em relação à população menos favorecida, predominantemente negros.

desenraizamento ocorreu com os muitos migrantes nordestinos que partiram de suas terras para o sudeste, principalmente nos anos de 1950. Muitos destes acabaram por fazer parte da população pobre destas regiões, em meio aos cenários de miséria e adentrando em uma nova cultura, com novas formações sociais e econômicas, das quais não se consideravam reais participantes. Daí a sensação de não pertencimento comentado pelo autor.

... não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante. A violência que separou suas articulações, desconjuntou seus esforços, esbofeteou suas esperanças, espoliou também a lembrança de seus feitos. (Bosi apud Gonçalves Filho, 1998)

O autor ainda estabelece um paralelo afirmando que, este indivíduo adentra em uma sociedade segregada, porém ele entra como uma presa que necessita se defender a todo momento de um predador; esta defesa ele encontra em sua cultura.

A forma como os serviços no país são distribuídos e realizados (ou não), colabora para este sentimento de não merecimento. Em seu texto, o autor realiza uma importante descrição que cabe a muitas, se não todas, as periferias atuais. A inexistência de espaços públicos de lazer, como as praças, que aos poucos foram sendo cobertas por cimento ou substituídas por calçadas. Desta forma se exclui o espaço do brincar, ou mesmo de descanso e o substitui por um espaço que se limita ao transitar, o passar sem apreciação ou deleite. Desta forma a segregação dos espaços fica muito clara e, por diversas vezes, causa ao habitante das áreas mais pobres o entendimento que este não tem direito às mesmas condições que os moradores das classes média e alta possuem. Este sentimento é incorporado por este cidadão humilde e causa-lhe forte dor e sentimentos desagradáveis, muitas vezes sem explicação. Este sentimento de não possuir direitos, causa uma sensação de

“despencar” quando este sujeito usufrui de momentos de lazer e satisfação e retorna à sua realidade desigual e cheia de restrições.

III.3 - Formação das grandes periferias do país

Em *Quilombo, favela e periferia* (2006), a autora Lourdes Carril discorre sobre diversos fatores que resultaram nas formações de hiper-periferias como o Capão Redondo. Porém, suas reflexões abordam desde o período colonial e o regime escravocrata até o momento atual, de maneira a explicitar as condições históricas de formação das periferias das grandes cidades.

Relata que, diante da presença de um grande contingente de negros no país, após três séculos de escravidão, e frente ao receio da elite branca de possíveis rebeliões, implantou-se políticas de branqueamento como estratégia de combate à negritude, com vistas a uma maior aproximação dos padrões europeus, considerados superiores. De acordo com estes estudos, a metade do século XIX e início do XX ficaram conhecidos como um período de grande difusão do racismo. Nesta época, foram realizados diversos estudos que visavam validar cientificamente a inferioridade do povo negro, tido como fraco e pré-disposto à criminalidade. Tais estudos foram realizados por intelectuais, como Nina Rodrigues e Silvio Romero, que se opunham à política e à prática da miscigenação, pois acreditavam que esta contribuiria para a formação de um povo inferior. Segundo Ferreira (2000), a imagem da classe dominante era projetada na forma de pensar e agir das classes subalternas, sendo os valores da primeira tomados como referência para a formação dos valores destas últimas. Entretanto, Carril (2006) esclarece que o ressurgimento da idéia de quilombo não significa um *revival* deste último, mas deve ser concebida como estratégia de denúncia da permanência de relações excludentes e desiguais no interior da sociedade moderna, especialmente no que se refere aos afro-descendentes.

Em 1930, é fundada a Frente Negra Brasileira, que, em 1936, resultou na formação do Partido da Frente Negra, sendo esta, no entanto, extinta em 1937, quando da implantação do Estado Novo no país.

Mais tarde, quando da instauração da ditadura militar em 1964 houve forte repressão do movimento negro, assim como de diversos partidos de oposição, porém, com a abertura política, que sucedeu a ditadura, são retomadas as lutas contra o racismo camuflado no país.

O papel do negro na sociedade brasileira será compreendido, não apenas pela participação do mesmo na construção da riqueza comum, mas como contestador desse tipo de riqueza, da qual ele foi sistematicamente excluído. (Carril, 2006, p. 48)

Partindo de diversos estudos, a autora apresenta um quadro geral do funcionamento de alguns quilombos, dentre estes o de Palmares, provavelmente o mais conhecido. Ela destaca o florescimento destes quilombos em Minas Gerais, principalmente no século XVIII. Sustenta ainda que, o Estado apresentava uma geografia montanhosa favorável à fuga de escravos, para a qual contribuiu também o fato destes desenvolverem atividades de exploração da mineração em regiões distantes. Após a fuga, muitos destes escravos permaneciam na atividade de mineração, com a finalidade de comprar suas alforrias.

(...) entre os fatores que levavam à fuga dos escravos estava a procura de ouro para comprar a alforria, o que fez dos quilombolas, em Goiás, desbravadores do interior e descobridores de novos veios auríferos. A fuga era facilitada pela baixa vigilância, por uma densa população escrava e africana e por ecossistemas – rios, florestas, serras, montanhas – ideais como rotas de fugas e esconderijos de escravos fugidos. (Carril, 2006, p. 51)

A sobrevivência destes quilombos devia-se em geral à troca, por exemplo, de ouro por alimentos, além dos acordos de paz firmados com os brancos. Em 1739, o posto de capitão do mato é regularizado e normatizado para aqueles que antes eram “voluntários” e que por suas capturas recebiam uma determinada recompensa. A autora afirma que os estudos atuais sobre os

quilombos têm sido de grande importância para o reconhecimento e titulações de terras reivindicadas pelas comunidades quilombolas. Em 1988, é criada a Fundação Cultural Palmares, “cuja principal finalidade é a de reconhecer as comunidades remanescentes de escravos”. (p. 52) A partir do decreto de nº 4.887, de 20/11/2003, o INCRA passa a ser o responsável por estas funções. Trata-se de uma iniciativa que procurou reparar o abandono durante anos a que foram relegados os descendentes membros quilombolas, principalmente após a definição jurídica que marginalizou os negros fugitivos moradores dos quilombos. Desde a década de 50, essas comunidades quilombolas têm lutado contra as consequências desastrosas da modernização implantada no país para as suas comunidades, com a construção de hidrelétricas, estradas e outros empreendimentos. O grupo de rappers Z´África Brasil recorre à idéia de Quilombo exatamente pelo fato de os afro-descendentes encontrarem-se na mesma situação que os levou no passado a lutar por sua autonomia e liberdade, principais bandeiras dos Quilombos:

O território é a prova histórica de sua identidade, o que os vincula à formação da comunidade e ao acesso à terra. Se esse é o diferencial de luta do negro no campo, no espaço urbano, embora não apresentando a mesma pertinência, o mesmo compreende que se encontra em relações similares às da vigência da escravidão, interpreta a partir do *rap* as relações fundantes e denuncia a segregação racial e espacial urbana, apontando o quilombo como resistência territorial. (Carril, 2006, p.54)

No processo de metropolização de São Paulo, a cor de um indivíduo demonstrou ser fator determinante, a partir do qual se procurou hierarquizar o trabalhador, estabelecer seu salário e seus meios de vida, como, por exemplo, a moradia. Depois da abolição, instaurada a crise escravista em grande parte do país, a solução encontrada para esta questão foi a imigração subvencionada, fazendo com que o sistema escravocrata cedesse lugar ao colonato.

A modernização de São Paulo foi realizada às custas de significativa segregação desta parcela da população. Segregação que, por sua vez, dificultou, quando não impediu a inserção do negro, ex-escravo, no mercado de trabalho como trabalhador assalariado. Fora do mercado de trabalho, o ex-escravo estava destinado à super-exploração e a trabalhos recusados pelos imigrantes, que, por sua vez, se negavam a aceitar situações degradantes de trabalho. Submetido a más condições de moradia e subsistência, grande parte dos negros, depois de “libertos”, foram morar em cortiços e favelas. Assim o desenho urbano foi se configurando. O negro, para competir com o imigrante europeu, necessitava incorporar comportamentos e atitudes inspiradas no modelo do trabalhador europeu. Cabe observar que os empregos em fábricas não eram destinados a estes afro-descendentes e sim aos novos imigrantes europeus. O processo de constituição do mercado de trabalho no país se deu a partir da super-exploração do trabalhador negro, primeiramente com a escravidão e posteriormente por meio do trabalho assalariado, uma vez que o trabalhador nacional foi convocado a substituir o imigrante, quando este passou a se rebelar, recusando-se a se submeter às más condições de trabalho que lhe eram oferecidas

III.4 - A cidade de São Paulo, territórios e desigualdade em fins do século XIX

Em meados do século XIX, São Paulo ganha um impulso econômico. Em 1867 é construída a Estrada de ferro Santos-Jundiaí, em seguida chegam outras quatro. Assim é realizada uma conexão entre as regiões produtoras, o porto e a capital do país.

As autoridades e os grandes produtores encontram na imigração uma alternativa para a crise escravocrata da época. Isto explica as novas paisagens assumidas pela cidade. A industrialização e urbanização também serviram como fatores de diferenciação entre o campo e a cidade. Tanto os ex-escravos, como os imigrantes e os trabalhadores livres, vieram a compor uma parcela da população excluída do direito à propriedade e passaram a formar a mão de obra necessária às finalidades do capital, ao mesmo tempo em que eram

expulsos das áreas centrais da cidade, dado início aos bolsões de miséria que foram agregados às metrópoles.

Na cidade, procurou-se estabelecer um modelo de urbanização que excluía de sua paisagem os cortiços, as profissões de rua e outras atividades, formando assim uma área de marginalidade social urbana que era formada primeiramente pelos negros e depois, pelos imigrantes e migrantes da região nordeste do país.

A história do crescimento da cidade está relacionada a uma história de exclusão dos mais pobres e de investimento urbano para as elites. Assim se constituíram as periferias, de modo que a cidade cindiu-se em duas: uma legalizada e regulamentada e outra ilegal. Os quartos e porões no centro da cidade representavam as principais moradias dos afro-descendentes. Durante a gestão de Antonio Prado (1899-1911), foi implantado o programa de melhoria da Capital que visava apagar os traços dos afro-descendentes brasileiros e acelerar o processo de europeização da cidade. Desse modo, instaurou-se um forte processo de segregação racial urbana.

Com o tempo, códigos e medidas eram propostos a fim de regulamentar e realizar exigências para as habitações coletivas como os cortiços. Porém não havia a certeza de que tais exigências seriam cumpridas.

O que vai se evidenciando, na verdade, é que enquanto a lei se torna concreta para uma parte da cidade, para outra parcela ela não pode ser colocada em prática, em primeiro lugar porque se tratam de camadas sociais de baixo poder aquisitivo que não podem pagar pelos melhoramentos públicos e, em segundo, porque o Estado, como poder público, não se volta para os problemas das classes desprovidas e não atende às necessidades do crescimento urbano. Em consequência disso, consideráveis extensões da cidade de São Paulo serão ocupadas sem qualquer infra-estrutura. (Carril, 2006 p. 82)

Os cortiços e outras formas de moradias coletivas não eram vistos com bons olhos pelas elites e autoridades. Em 1893, foi apresentado à Câmara Municipal um relatório sobre a incidência de patologias e riscos existentes

nestes tipos de habitação, porém o Estado não tomou medidas a fim de solucionar tal problema social. Simultaneamente surgiam novas áreas nobres, como Higienópolis e Avenida Paulista, distantes dos bairros operários. O desenvolvimento dos meios de transporte e o congelamento de aluguéis na década de 40 acarretaram nova procura por moradia, levando a classe operária a morar em lugares cada vez mais distantes. Assim, esta década se caracteriza como o início da formação destas periferias, caracterizadas pelos cortiços e construções feitas pelos próprios trabalhadores em condições precárias. Em 1950, a questão do favelamento no Brasil se tornou nítida. Como consequência em 1960, pressões junto ao poder público reivindicavam um verdadeiro “saneamento” da paisagem das áreas centrais da cidade. Desta forma, os moradores de cortiços e favelados destas áreas se mudaram para locais cada vez mais distantes.

Na década de 1970, foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Financiamento de Habitação (SFH) que propunham financiamentos para a compra de casa própria. Entretanto, os grandes beneficiados destes programas foram os moradores da classe média, pois estes podiam pagar os valores estipulados. Esses fatores intensificaram a especulação imobiliária e colaboraram para o aumento das favelas em São Paulo. A fundação da Companhia Pública Municipal de Habitação (COHAB) em 1965 é um exemplo de financiamento de habitação proveniente da política desta época.

Durante a década de 1970, observou-se o aumento no oferecimento de apartamentos à classe média.

A década de 1980 apresentou um verdadeiro esgotamento do padrão periférico na cidade. A periferia tornou-se mais cara. Neste período, surgiram as Associações de Moradores que buscavam identificar e revelar os problemas sociais ali existentes.

Se a periferia constituiu-se como lugar de representação da exclusão tornou-se, ao mesmo tempo, espaço de organização dos movimentos populares: movimentos para obter água e esgoto, pela melhoria dos

transportes e pela construção de creches se organizaram pela cidade. (Carril, 2006 p. 86)

Em 1990, uma vez que os problemas habitacionais não foram sanados a Secretaria de Planejamento do Estado estimava que 65% da população habitavam em locais de irregularidade e risco.

A segregação socioespacial demarcada pela formação das periferias, em que as classes sociais não se tocavam, tem sido substituída por uma aproximação entre estas, tanto pela vinda dos mais pobres para regiões centrais – seja para os cortiços, para baixo das pontes e para a mendicância, seja pela saída dos mais ricos para os condomínios fechados localizados em áreas periféricas. (Carril, 2006 p. 87)

Neste momento, segundo a autora, é possível notar a “expressão do individualismo e do fim do espaço público”. (p.88)

A realidade urbana díspare não se restringe somente às cidades brasileiras, uma vez que também se verifica em outros pólos urbanos, latino-americanos.

A autora menciona outros nomes atribuídos a situações semelhantes e destaca duas delas: *gueto* (Estados Unidos) e *banlieue* (França). A autora procura relacionar as favelas do Brasil, como o Capão Redondo, com estas outras formas de segregação observadas em grandes cidades.

A autora apresenta brevemente como ocorreu a formação e desenvolvimento dos guetos e dos *banlieues* apresentando os aspectos semelhantes e distintos entre estes e a formação das periferias e favelas de São Paulo. Chega à conclusão de que estes espaços de segregação de São Paulo, dadas as condições de sua formação, aproximavam-se muito mais dos *banlieues* na França do que dos guetos americanos. Principalmente pela prioridade do Estado e a aceleração econômica que acentuaram o cenário de exclusão. Carril (2006) afirma que nos anos de 1990, os países periféricos foram considerados locais de pobreza e deixados como continentes esquecidos. Neste mesmo período, verificou-se o aumento na taxa de

desemprego e conseqüentemente do número de moradores de rua, resultando no empobrecimento da população e no aumento da violência. Foi de acordo com esta ótica que foram implantados planos de embelezamento e higienização da cidade. Apesar do deslocamento de diversas empresas para a zona sul de São Paulo cabe observar que foi verificado um aumento nas taxas de desemprego entre os anos de 1980 e 1990.

Com grande parte da infra-estrutura direcionada a região sul de São Paulo, tem sofrido com a falta e até a inexistência da mesma. A falta de opções de lazer e segurança, também se apresentam como características marcantes da região. Apesar destes fatores, há alguns traços de urbanização, como a chegada da linha-5, lilás, do metrô. Pertencente, atualmente à subprefeitura do Campo Limpo, o bairro possui, mais precisamente, 13,6 km de extensão.

III.5 - História de surgimento do bairro Capão redondo: considerado hoje uma hiperperiferia da cidade de São Paulo

Durante o período colonial os aldeamentos indígenas caracterizavam um verdadeiro “cinturão ao redor de São Paulo”. A presença destes promoveu uma ligação entre o planalto, o litoral e os sertões, além de promover uma mestiçagem entre brancos e índios. Segundo Hosokawa (2001 apud Carril, 2006) Santo Amaro surgiu a partir de um povoamento de 1560 formado por portugueses. Era visto como um lugar de passagem, conhecido como “caminho do carro”. Comumente servia de refúgio para escravos fugitivos. No século XI, os aldeamentos indígenas encontravam-se em decadência. No entanto, na região é instaurada uma das primeiras colônias oficiais. Em 1829, é instalada a colônia alemã, chamada de sertão Santo Amaro. Sem auxílio, e devido às terras ruins que lhes foram destinadas, poucos dos colonos permaneceram na região, muitos destes se misturaram aos nativos, dando origem ao que (2001, apud, Carril, 2006) denomina como caipiras de olhos azuis.

Ao que tudo indica, o isolamento e a falta de qualquer assistência provocaram a dispersão dos colonos alemães, que, segundo Berardi, se misturaram aos naturais da terra. Em

termos econômicos, houve aumento na produção de gêneros agrícolas, destacando-se a cultura de batatas, tipicamente alemã, sendo Santo Amaro, pioneiro em seu comércio, e a criação de gado (Carril, 2006 p. 112).

A posição geográfica do bairro contribuiu para a sua transformação econômica e sua posição de destaque como abastecedor agrícola e de infraestrutura de São Paulo. Aos poucos, a região, antes conhecida como o celeiro da capital, foi se modernizando. Paulatinamente enquanto se modernizava e sua população crescia, conquistava novas funções comerciais e econômicas.

O Capão Redondo era, à época da chegada do *Collegio*, um bairro rural - seu próprio nome alude à presença de extensa cobertura vegetal, perfazendo mais de 50km de circunferência. A exemplo dos arredores de São Paulo, a região era composta por caipiras produzindo gêneros agrícolas, e, no caso específico da região de Santos, também vendiam madeira e carvão para construção e combustível para a capital. A distância dos centros urbanos era uma característica que atraía a escolha do bairro rural para a construção das instalações do CAB, com o fim de proceder à missão religiosa. (Carril, 2006 p. 114-115)

A igreja adventista se instalou na região, sendo esta a terceira no país. A região era caracterizada por sua extensa área verde, por seus moradores, chamados de caipiras, responsáveis pelo abastecimento também de combustíveis como o carvão, para a capital.

Em 1903, ocorreu a chegada do primeiro automóvel no país e a primeira corrida realizada no país se deu em Itapeverica da Serra. A chegada de estradas férreas contribuiu para a instalação de indústrias às suas margens. Apesar destes fatores, a região de Santo Amaro tornou-se preponderantemente residencial, estabelecendo-se assim, como subúrbio da capital. Os moradores destes chamados subúrbios, de certa forma, eram obrigados e ainda hoje o são, a percorrer grandes distâncias de trem, ônibus

ou bondes superlotados e sem conforto, em troca de uma casa própria, ou aluguel, de baixo custo, além de uma vida sossegada e rural (AZEVEDO apud CARRIL, Pg 117, 2006). A primeira usina hidrelétrica é construída em 1907 e nas décadas seguintes também foram realizadas outras intervenções, como a construção do reservatório da Billings. Estas intervenções também colaboravam para a afirmação da região como subúrbio recreativo, possuidor de áreas verdes.

Em 1935, o município de Santo Amaro foi anexado a São Paulo. Desde então, a região de Santo Amaro tem feito parte da Capital paulistana dando origem a diversos distritos e bairros.

Na década de 1950, o bairro de Capão Redondo disponibilizou suas terras, até então com ocupação predominante de chácaras, para o loteamento a fim de acompanhar o crescimento do mercado imobiliário. Muitos destes loteamentos foram solicitados por proprietários particulares. As décadas de 1950 e 1960 também ficaram marcadas por um grande desenvolvimento industrial do Estado de São Paulo incluindo o crescimento das indústrias dos ramos metalúrgico, mecânico, químico e farmacêutico, que se instalaram na zona sul de São Paulo. Em 1970 é realizado o projeto para a construção do Centro Comercial.

Entre as décadas de 1980 e 1990, verificou-se a centralização de escritórios de empresas e bancos; neste período, foram registradas as chegadas de grandes empresas como Carrefour, Hotel Transamérica, Credicard Hall e outros. Na década de 1980, foram lançados grandes projetos imobiliários, verificando-se a valorização de grandes áreas residenciais destinadas às classes média e alta da cidade. Também ocorreu um forte processo de verticalização. Paralelamente a estes processos de organização e valorização da cidade ocorreu o surgimento de periferias e o abandono das regiões ocupadas pela população de baixa renda. Sobre isto Carril (2006, p. 120) afirma:

Desde a década de 1980 ocorrem lançamentos de projetos imobiliários, de prédios de apartamentos com quatro dormitórios, no Morumbi, no Campo Belo, na Vila Olímpia, no

Itaim, em Moema e na Vila Nova Conceição. Novas valorizações e revalorizações de zonas residenciais destinadas às classes média e alta da cidade, e o conseqüente processo de verticalização.

Em contraposição a este movimento de loteamento destinado às classes média e alta na região sul do Estado, a partir da década de 1970, houve uma grande expansão demográfica acompanhada por um forte adensamento desordenado principalmente em razão intenso movimento migratório de nordestinos, de Minas Gerais e também da própria cidade. Assim a região do Capão Redondo, se caracteriza, desde os anos de 1960, como bairro popular, e a partir de 1990 como uma das regiões mais adensadas, caracterizando-se como hiper-periferia, e como uma das mais violentas do estado. Observe-se que a população é majoritariamente formada por afro-descendentes. A distribuição geográfica se concentra em três regiões, o CDHU, a COHAB, criada a partir da desapropriação de parte da propriedade do Instituto Adventista de Ensino (IAE), e a favela do Jardim Parapanema.

Apesar do aparente sossego apresentado pela COHAB Adventista, há no Conjunto, diversos problemas. Dentre estes é possível citar a grande concentração de pessoas, a escassez de áreas de lazer, escassez de escolas, hospitais e departamentos de polícia, além das más condições de iluminação e asfaltos (conhecidos por sua má qualidade), entre outros tantos fatores.

Com problemas semelhantes é possível observar o CDHU do Capão Redondo. Este foi construído em 1988 e em função de intervenções do prefeito atuante na época, foi construído com um número de casas menor do que o número estimado no início do projeto.

Como os projetos não atenderam à demanda habitacional das famílias e, por outro lado, outras continuaram a chegar ao Capão Redondo, mesmo no entorno do CDHU há uma área de invasão e ocupação e outras ocupações em "*pontos de área*", que são terrenos que sobram de uma construção, "*bicos de papagaio mesmo*", áreas invadidas, que

“as pessoas pegam e constroem suas malocas, e, geralmente, são vendidas por traficantes”. (Carril, 2006 p. 123)

É desta forma que a favelização acompanha a implantação destes projetos habitacionais ocupando o primeiro lugar no “*ranking* de favelização por distrito”.

No plano econômico, enquanto o restante da cidade se industrializava, o distrito de Capão Redondo se mantinha com a instalação de poucas indústrias. Até o início do século, muitas famílias da região mantinham um cotidiano agrícola e rural. Já em meados do século XX, a região recebia muitas famílias provenientes do nordeste do país em busca de melhores condições de subsistência.

Vinha gente do norte, do nordeste, em busca de emprego, daí quando eles vinham e não conseguiam, invadiam a área da Prefeitura, do Estado, eles foram invadindo e o governo não ligava daí eles continuavam a invadir. Inclusive, nós fizemos até campanha contra a construção de favelas, mas não adiantava, o governo foi deixando, e hoje está cheio de favelas na região. (Sr. Davidoff apud Carril, 2006, p. 125)

Carril (2006) afirma que a favelização não pode ser discutida sem levar em consideração o aspecto negativo a ela associado, que antes era associado ao negro, que passa a sofrer uma dupla exclusão, a racial e a econômica.

Segundo a autora, intelectuais negros em busca de afirmação de sua identidade, sem que obtivessem aceitação, voltaram seus interesses para suas raízes e resgate de valores da cultura de origem africana.

Os trabalhadores moradores de Capão Redondo desde então passam a se utilizar de vários transportes para chegar a seus destinos de trabalho. Ainda na década de 80 diversos movimentos sociais pressionaram o governo reivindicando financiamento e regulamentação de loteamentos, ocupados anteriormente de forma irregular. Tais situações desencadearam algumas melhorias nestas regiões periféricas. Entretanto, essas continuam a crescer devido à chegada de mais pessoas e crescimento das famílias. A chegada

destas grandes empresas e empreendimentos à zona sul têm causado um deslocamento destas comunidades para locais cada vez mais distantes, constituindo espaços de miséria e confinamento territorial. Ela cita a favela do “fundão” como exemplo de um bolsão de pobreza que convive lado a lado com bairros da classe média-alta e grandes empresas.

(...) a população foi sendo empurrada cada vez mais para espaços de miséria, levada à imobilidade espacial devido à falta de recursos financeiros até para pagar o transporte, numa tendência ao confinamento territorial. (sic) O afro-descendente vem sendo penalizado não apenas quanto à dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, mas também por localizar-se em espaços segregados, de miséria e de escola pública sem investimentos. A baixa escolaridade e má qualificação profissional lhes restringem oportunidades no mercado de trabalho. Assim, cabe analisar quais tem sido as perspectivas, as formas de organização e de luta dessa comunidade no espaço urbano, sua expressão e seus significados. (Carril, 2006 p. 145)

Apoiando-se nestes estudos a autora conclui haver não apenas uma cidade ou um território, mas espaços socioeconômicos e culturais distintos e cindidos entre si. Daí ser possível compreender que os *rappers* interpretem esta situação vivenciada por eles e denunciem exatamente a segregação a que a população de baixa renda é submetida.

III.6 - A violência decorrente da segregação dos espaços na cidade

Desde o final do século XX, é notável o crescimento da violência em São Paulo, assim como um forte movimento de exclusão. Um cenário marcado por muitos trabalhadores desempregados e jovens recém-formados que não eram reincorporados no mercado de trabalho. Diante desta realidade muitas pessoas buscaram alternativas para sua sobrevivência, moradia e emprego. Desta forma, é desenvolvida uma nova forma de desigualdade, na qual as pessoas,

embora incluídas no meio econômico, encontram-se no que a autora denomina como “mundo à parte”. Assim o requinte convive com a miséria.

Os condomínios fechados, onde mora a classe média alta, tem segurança privada e impõem um sistema de fortificação à cidade. Favelas próximas ao bairro do Morumbi tornam visíveis as preocupações com o retorno das classes perigosas. São símbolos territoriais que anunciam as marcas dos lugares, dividindo seus moradores (Carril, 2006, p. 161).

Em contrapartida, nos bairros pobres e distantes dos centros, os serviços públicos são precários, a deterioração das escolas e hospitais é grande. O crescimento da violência, observado a partir deste ponto de vista, pode ser relacionado à insuficiência do atendimento público à esta parcela da população. Porém o Estado, na maioria das vezes, busca tratar a questão da violência como uma questão de segurança. A partir de intervenções de repressão violentas e da exposição de tais locais na mídia de forma estereotipada, aumentam ainda mais a segregação.

A violência que marca a cidade de São Paulo nesse período contemporâneo guarda correspondência com o acirramento de tensões sociais antigas que fazem parte da relação entre Estado e sociedade no Brasil, mas que retornam em determinados momentos. O controle dos movimentos que outrora abalaram as frágeis estruturas sociais na maioria das vezes foi feito com o aumento da repressão. Essas considerações devem levar ao entendimento de que a ausência do Estado se apresenta como forma de caracterizar o descumprimento de suas funções no estabelecimento das condições mínimas que o poder público deve estabelecer para garantir a dignidade social. Equipamentos urbanos, infraestrutura sanitária, saúde e educação pública e legislação de garantia do acesso à terra no campo e na cidade são pré-requisitos mínimos de oferta social como mediação que

possibilita reduzir as distancias entre os mais pobres e os mais ricos em uma sociedade capitalista. (Carril, 2006, p. 163 -164)

Tais fatores contribuíram para o aumento da criminalidade, isto não ocorreu devido a uma inclinação do negro à criminalidade, mas pelo fato desta se apresentar, muitas vezes, como única oportunidade de ganho e subsistência. Assim, grande parte dos jovens ingressa no tráfico de drogas e a mortalidade destes aumenta significativamente.

O Estado brasileiro apresenta uma trajetória de controle social, pautado pela mesma truculência com que as revoltas de escravos foram tratadas no passado. Ou seja, invariavelmente como caso de polícia que deveriam ser desfeitas de modo violento. Hoje, as manifestações oriundas das camadas mais humildes da sociedade tendem a ser tratadas do mesmo modo pela polícia, seguindo a tradição de criminalizar os pobres.

Carril (2006) afirma que é possível notar aspectos do imaginário coletivo da sociedade que persiste na idéia da tendência criminal do negro.

III.7 - O Hip Hop como forma de enfrentamento da segregação da cidade e da violência nas hiperperiferias.

O Hip Hop é denominado de muitas maneiras; alguns afirmam ser ele uma cultura de rua, movimento social ou um movimento político. A realidade é que se trata de um movimento que possui sua origem nos Estados Unidos com grande influência jamaicana e aos poucos ganha espaço na indústria de cultura jovem.

Nos anos de 1970, muitos jamaicanos imigraram para a América fugindo dos diversos problemas em seus países e trouxeram consigo variados ritmos que influenciaram comunidades negras de locais distintos. No Brasil, o movimento Hip Hop se difundiu, principalmente nas grandes metrópoles, juntamente com seus elementos (Rap, Break e o Grafite). Em 1989, Milton Sales cria o movimento Hip Hop organizado (MH2O).

Embora o Hip Hop tenha se difundido nos meios de comunicação, ele se adaptou às necessidades das comunidades. Uma categoria do rap, por

exemplo, se dedicou à denúncia das desigualdades e preconceitos enfrentados pelos moradores das periferias. No Capão Redondo, surgiram grupos de destaque como Racionais MC's, Z'África Brasil, Conceito Moral e outros. Mas a autora busca destacar que nem todo o rap segue esta linha do “*rap consciente*”. A partir da formação das posses, os rappers buscaram formas para retirar os jovens do tráfico e dar-lhes voz, a fim de que, a partir dos elementos do Hip Hop, estes pudessem expressar seus pensamentos e sentimentos, além de proporcionar-lhes a sensação de pertencimento.

O terreno da comunicação, nesse sentido, contrapõe o informar veiculado pelos avanços tecnológicos e da mídia oferecidos na globalização e o comunicar que é o campo do identificar o ser humano a uma humanidade presente e recuperada. Não se trata dos meios em si, mas do conteúdos transmitidos. Nesse sentido, a esfera da comunicação – a psicosfera – pode ser compreendida por recuperar o símbolo pelos que ocupam um lugar cuja condição de depauperamento os des-simbolizam. (Carril, 2006 p. 173)

Para alguns rappers, o rap proporciona um encontro com a africanidade perdida, enquanto para outros, apresenta-se como uma ferramenta de denúncia e comunicação que leva à consciência sobre as formas de discriminação, segregação e preconceito ainda vividos no país. Para Mano Brown, do grupo Racionais MC's, o rap é apresentado como uma alternativa à exclusão que com o passar do tempo se tornou tão forte, a ponto de impossibilitar a sobrevivência socioeconômica de parcelas da população.

A autora parte da letra da música “Antigamente quilombo hoje periferia”⁴, do grupo Z'África Brasil, para compreender as novas representações sociais e o que denomina de quilombo urbano.

A letra deste Rap questiona a violenta exclusão do negro realizada pela sociedade que o transforma em bandido, corrompendo o trabalhador e transformando a realidade da periferia em uma verdadeira guerra. Assim, a

⁴ Letra de “Antigamente Quilombo hoje periferia” em Anexo I/A

imagem do quilombola é resgatada simbolizando a luta do negro pela inclusão e referindo-se ao quilombo como “terra dos libertos”.

III.8 – Quilombo: a terra dos libertos

No Capão Redondo já existe a segunda geração daqueles que migraram e perderam suas raízes, Carril (2006) denomina como “desenraizamento de segundo grau”.

Nesse sentido, a análise das representações contidas nas letras dos *rappers* brasileiros conflui para o entendimento de que sua materialidade está presente no próprio lócus da vivência de seus autores. Conflagra-se aqui uma forma de comunicação do pensar o mundo com base no vivido e na busca de significados da história do negro no Brasil. A entrada no mercado consagra, por outro lado, a imposição do viver em uma sociedade capitalista em que o mercado totaliza as relações sociais, promove a inserção social pela fórmula vender e participar, assim, da possibilidade de ter acesso aos bens mais básicos para a sobrevivência até aos mais supérfluos e da própria cidadania, dada a inversão na equação *Ser e Ter*. (Carril, 2006 p. 180)

Se na periferia predomina o desemprego e a marginalização, o sistema proporciona “alternativas” para estes indivíduos sobreviverem, como o tráfico e a criminalidade. Também é possível observar outros aspectos que remetem ao período da escravatura. Nesta lógica, para muitos, bairros da classe média alta, como o Morumbi, representam a Casa Grande, enquanto as periferias, como o Capão Redondo, representam as senzalas. A partir deste ponto é possível afirmar que, estes indivíduos ainda aguardam por sua alforria, representada pela inserção destes na sociedade brasileira. Sobre este aspecto a autora acrescenta (Carril, 2006, p. 181):

Após o decreto de abolição da escravatura, a maior parcela da população ex-escrava, que ansiosamente aguardava pela liberdade e a comemorou, inicialmente, em seguida passou a experimentar o que seria um grande desespero e angústia, trazida pela nova realidade socioespacial.

A autora faz uso do termo “*quilombismo*”, concebido como “toda a forma de resistência física e cultural da população negra” (p. 182-183).

O resgate de tais símbolos e figuras retratam a continuação das formas de dominação da escravatura impingidas aos negros ainda mais de um século depois da abolição. Assim, ocorre um deslocamento do imaginário dos antigos quilombos, como território de lutas e resistências, até os tempos atuais.

A exploração do trabalho, a ausência do emprego, as escolas públicas que mal preparam, as doenças, a falta de saneamento, a perseguição policial, os tiros da polícia e dos traficantes e a morte revelam as permanências do processo histórico. (Carril, 2006 p. 185)

Diante deste contexto, o quilombo representa um espaço neutro e de reconhecimento, onde o negro não necessita competir de forma tão violenta.

O escritor Ferréz cresceu na região de Capão Redondo e é autor de diversos títulos cujas temáticas abordam os principais problemas enfrentados na região por seus moradores. Em seu livro *Manual Prático do Ódio* (2003) estabelece a relação entre o quilombo e a periferia, relacionando os moradores desta última aos quilombolas a partir do momento que ambos perderam parte de suas identidades durante o processo de migração e imigração.

Carril (2006) discorre sobre o assunto a partir de uma entrevista realizada com jovens e adolescentes de um cursinho popular. Ela afirma que o cursinho simbolizava para estes alunos uma forma de ir contra o sistema excludente da sociedade desigual brasileira. O Hip Hop também pode ser visto como um modo de inserção. Durante as entrevistas, a autora afirma que partindo das questões propostas aos alunos, buscou compreender as

expectativas em relação a sua participação em um cursinho popular e a vida no Capão Redondo. Muitos dos estudantes fizeram críticas sobre a forma como a imagem do bairro era veiculado na mídia, estereotipando-o como um território de criminalidade. A globalização possibilitou a velocidade de mobilidade, porém ainda há muitos que não compartilham das mesmas possibilidades, ficando fixados em determinados lugares sem dinheiro, objetos técnicos e terras, tornando-se *sedentários*. Desta forma, os *rappers* propõem, em suas composições, a substituição da imagem de isolamento, para a imagem da periferia como um território de refúgio.

Os *rappers* recorrem à imagem do quilombo em suas músicas como um território de liberdade buscando denunciar a exclusão e desigualdade presentes nas periferias.

O resgate da figura dos quilombos abre espaço para debates sobre diversos aspectos da realidade socioeconômica do país, como a democracia social e racial.

III.9 – Em busca de uma identidade afro-descendente

Apesar de constituir quase ou mais da metade da população brasileira, os afro-descendentes são discriminados como uma “minoria”.

Em relação a outros países do mundo cristão, o Brasil foi o último a abolir a escravidão, em 1888. Diante de uma política, ilusória, de “democracia racial” e uma política de branqueamento, o país apresenta um preconceito inconsciente mais difícil de combater. Ao passo que, em outros países, onde este preconceito foi vivenciado de forma mais explícita, como na África do Sul e nos EUA, havia por parte dos afro-descendentes maior necessidade de ir em busca de suas origens e valores africanos.

Desde antes do “descobrimento” do Brasil, os europeus tinham desenvolvido uma espécie de desvalorização do homem de origem africana, ou de outra origem diferente da européia, e de suas manifestações culturais. A igreja, por exemplo, como autoridade na época, desenvolveu formas de legitimar as atuações e ações para este fim, um exemplo disto foram as

cruzadas. Segundo Ferreira: “O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor” (Ferreira, 2000, p. 41).

As características fenotípicas de um sujeito acabam por sugerir uma associação entre raça e condição social, de tal forma que o afro-descendente é julgado, e muitas vezes se julga, como inferior tanto na condição racial como na socioeconômica. Diante da negação da existência do preconceito racial no país, julga-se esta miséria ser uma característica “inerente ao destino humano do negro”. No Brasil então é estabelecido uma escala de valores denominada como “gradiente étnico” de forma que quanto mais aproximado um indivíduo está do padrão característico europeu, maior valor lhe é atribuído. Em seguida, o autor discorre sobre mecanismos e políticas adotados de branqueamento no país. O primeiro trata da eliminação dos afro-descendentes, realizada no Brasil colonial, o segundo busca um “branqueamento” a partir da miscigenação e limpeza do sangue, a partir de sucessivos casamentos entre brancos e negros. “A miscigenação tem servido de argumento para se afirmar o quanto o brasileiro ‘aceita’ a convivência de raças, isto é, o quanto ‘não há preconceito no Brasil’” (Ferreira, 2000, p. 42).

Ferreira (2000) também denuncia ainda a representação do afro-descendente no Brasil que é construída de forma estereotipada, por meio da qual desenvolve-se um olhar preconceituoso para com os afro-brasileiros, seja na mídia, seja nas escolas. Desta forma, o autor afirma que a sociedade cria mecanismos desfavoráveis ao desenvolvimento de uma identidade afro-descendente, ou de qualquer outro cidadão, obstaculizando a construção de uma identidade do cidadão pobre e negro brasileiro.

III. 10 - Processos de Construção da identidade afro-brasileira

Ferreira (2000) descreve a existência do homem como sendo uma contínua “tentativa de instalar-se” no mundo, de maneira segura, articulando a este processo suas experiências. Nesse sentido, as experiências pessoais e interpessoais são constituídas por todo indivíduo pertencente a uma sociedade,

segundo as práticas e normas desta última. A sociedade e o indivíduo, por sua vez, fazem parte de uma cultura maior, desenvolvida historicamente. Assim, os indivíduos socialmente constituídos “desenvolvem uma sociedade e culturas específicas nas quais se inserem” (Ferreira, 2000, p.45). Nestas passagens, o autor busca salientar a participação do indivíduo como co-produtor da sociedade e de si próprio. Ele ainda compara este processo a uma “peça de teatro” onde todo o processo de construção do enredo, caracterização do personagem, e outros, são realizados de forma simultânea nos interstícios do enredo dramático. Não há necessidade de ensaios, o enredo se desenrola e simultaneamente é passível de modificações. Para reforçar o que disse, o autor cita Guimarães Rosa: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa apud Ferreira, 2000, p.45).

Nesse processo, a experiência psicológica encerra um caráter de construção permanente, em que as especificidades das experiências pessoais determinam a maneira como o indivíduo constrói suas referências de mundo, incluindo aquelas através das quais ele pode reconhecer-se como um determinado indivíduo – *sua identidade*. (Ferreira, 2000, p. 45-46)

Em seguida, o autor busca ressaltar a característica de constante transformação da identidade, a partir das mudanças nas referências e construções de realidade do indivíduo. Considera, nesse sentido, que a “identidade é uma referência em torno da qual a pessoa se constitui”.(Ferreira, 2000, p. 47) Desta forma, relaciona os sentimentos de inferioridade do sujeito pertencente a um determinada classe social ou etnia, e a negatividade a eles associadas segundo o modelo eurocêntrico, às dificuldades decorrentes de se estabelecer uma identidade de valor aos conceitos de “negritude” e “africanidade”.

Assim, o pesquisador busca concluir este trecho com a utilização do termo “dinâmica de identificação” para demonstrar um processo que está em

constante mudança e relacionado ao processo de viver. Desta forma, ao falar de identidade, pressupõe relações com os seguintes conceitos:

- Individualidade
- Temporalidade
- Socialidade
- Historicidade

Atualmente no Brasil existem centenas de classificações de cor. Para Ferreira (2000), este fato dificulta a construção de uma identidade afro-descendente, pois a maneira com que um indivíduo se classifica, é diferente da maneira como este é visto pelo outro, além do que, muitas vezes, questões como posição sócio-econômica, podem influenciar no momento em que o indivíduo se auto-declara, negro ou branco. Ferreira (2000) opta pela utilização do termo afro-descendente, que a seu ver abrange negros e mestiços e assim procede, exceto quando faz menção a outras obras que utilizam os termos “negro” e “branco”.

Ferreira expõe as idéias que, a seu ver, estão associadas aos conceitos de raça e etnia. Considera que a primeira se fundamenta em características de natureza biológica, ou seja, relacionada à origem genética. Já a segunda, está relacionada à herança social e cultural. Também julga ser importante a distinção entre os conceitos de discriminação, preconceito racial e racismo. A discriminação é a manifestação do preconceito racial; este, por sua vez, trata de um julgamento de valor, muitas vezes adquirido culturalmente. Já o racismo refere-se a uma prática discriminatória institucionalizada.

Segundo o autor, o preconceito brasileiro se instaurou na medida em que os afro-descendentes e suas práticas e crenças foram sistematicamente desvalorizadas, para o qual contribuiu visão pejorativa que se tem até hoje da cultura africana.

Para pensar a questão da formação da identidade do afro-descendente no Brasil, nesse contexto, Ferreira procurou investigar livros e artigos, nacionais e recentes, da área da psicologia que tratassem do preconceito, da discriminação e dos temas afins, encontrando, no entanto, escassa bibliografia

a respeito. Esta busca foi centralizada nas duas maiores bibliotecas, na área de psicologia no país, particularmente na USP e PUC-SP, entretanto dentre os 4.911 trabalhos disponíveis o autor encontrou apenas 12 relacionados ao tema em questão. Dentre estes, um lhe chamou atenção. Tal trabalho abordou a relação entre dois grupos participantes do Movimento Negro, e como este movimento influenciava na formação de identidade de seus participantes. Após este levantamento, o autor levanta as seguintes questões acerca da psicologia atual.

(...) ao não ressaltar, ou mesmo omitir-se em relação aos afro-descendentes, colabora, queira ou não, para manter viva a crença em uma “democracia racial brasileira” e na suposta inexistência de preconceitos. Creio ser hoje crucial o cientista deixar de voltar-se, protegidamente, para seus próprios instrumentos e metodologias de trabalho na busca de essências verdadeiras e descontaminadas de existencialidades, pois estas podem ser muito incomodadas, e, sim, passar a elaborar trabalhos cada vez mais diretamente comprometidos com a melhora da condição humana (Ferreira, 2000, p.61)

Aqui Ferreira (2000) discorre sobre o fato de grande parte dos estudos relacionados à população afro-descendente, na área da psicologia, visarem apenas os profissionais atuantes na área, de maneira a orientá-los a como lidar com o afro-descendente e possíveis reações de hostilidade apresentadas por este. Expõe também as formas em que diversas vezes o negro é relacionado como “cliente problema”, referindo-se, no caso, a uma característica da “personalidade negra”.

Ferreira expõe em linhas gerais os estudos desenvolvidos por Cross (1987 apud, Ferreira, 2000). Segundo este, uma boa adaptação psicossocial está relacionado à articulação equilibrada entre: “identidade pessoal”, “orientação do grupo de referencia” e “identidade racial”. Ele ainda afirma que, no caso do Brasil, onde fatores sócio-históricos, aos quais acrescentaríamos a mentalidade patriarcalista e escravocrata da elite branca, que tende a depreciar

os negros e suas origens, tratando-os como inferiores, têm contribuído para que os afro-descendentes tomem como referência o grupo de indivíduos do universo branco, com características culturais européias, pelo fato destas encontrarem-se associadas a qualidades afirmativas e positivas. Porém, assim procedendo, cria-se uma situação problemática para o indivíduo, uma vez que ao estabelecer identificações com esta cultura européia, vê-se obrigado a negar sua própria origem e, paradoxalmente, a construir uma auto-imagem negativa.

Para o autor, as subdivisões estabelecidas por Cross (1987 apud, Ferreira, 2000), podem sugerir a estrutura para o que ele chama de “identidade”.

Ao se reportarem à identidade, é muito comum as pessoas se referirem apenas à cor da pele, reduzindo assim a identidade à pele negra ou branca. O autor salienta a importância de superar esta visão, definindo a formação da identidade a partir da percepção de um indivíduo de suas relações de pertencimento a um grupo que compartilha aspectos raciais semelhantes ou mesma origem racial. No caso do Brasil, ele ainda salienta que a classificação negro e branco, torna-se muito restrita, principalmente em função das diversas culturas européias, africanas e indígenas participantes da formação etno-racial do país. Para pensar sobre a constituição da identidade afro-descendente, o autor sugere que se deve considerar quatro estágios para esta construção: *estágio de submissão*, *estágio de impacto*, *estágio de militância* e *estágio de articulação*. Concebe, no entanto, estes estágios apenas como forma de estabelecer um delineamento teórico, sem concebê-los como estágios evolutivos ou qualquer coisa parecida.

O pesquisador expõe que, comumente o afro-descendente internaliza os conceitos de superioridade branca e inferioridade negra que são disseminados na sociedade. A escola, por sua vez, exerce grande influência neste aspecto, principalmente a partir do momento em que apresenta a figura do “negro caricatural”, de forma que muitas vezes fortalece a relação dominação/subordinação entre branco/negro, respectivamente. É comum para o afro-descendente neste estágio manter-se afastado do grupo de referência

negra, ao qual pertence, e tomar novas referências a partir dos valores “brancos”. Além disso, Ferreira também afirma que:

As pessoas pertencentes a um grupo etno-racial inferiorizado por outro grupo são induzidas a atribuir sua situação social desfavorável e características pessoais negativas circunscritas a elas (como a incapacidade e a falta de esforço pessoal) e não a fatores externos, isto é, assumem como devida a elas mesmas a discriminação exercida pelo grupo dominante. (Ferreira, 2000, p. 72)

Para sua pesquisa, ele aponta duas formas básicas dos afro-descendentes lidarem com o *estágio de submissão*:

- Forma ativa: deste modo, as pessoas idealizam as características e cultura branca, desvalorizando assim os correspondentes traços e cultura negros, valorando-os como maus e/ou ruins.
- Forma passiva: aqui o indivíduo tem sua visão de mundo determinada por valores do grupo dominante.

Geralmente assumem os estereótipos negativos referentes às suas características etno-raciais, assim como os estereótipos positivos usados pelos indivíduos de valores brancos para se auto-referenciarem, além de alimentarem com muita intensidade a ficção da igualdade racial (Ferreira, 2000, p. 74)

É como se a idealização do mundo branco servisse de escudo para a proteção de sua identidade ameaçada. Como consequência, constantemente é possível observar, no indivíduo deste estágio a presença de um auto conceito pobre, baixa auto-estima, auto-realização pobre, alta ansiedade e depressão. Segundo ele, no momento que este indivíduo toma consciência de sua

desvalorização inicia um movimento de transformação em direção ao estágio seguinte.

O *estágio de impacto* é um estágio intermediário que determina o fim do estágio de submissão. Este novo estágio pode ser identificado no indivíduo a partir da tomada de consciência da discriminação vivida por este no decorrer de sua vida. Tal metamorfose ocorre durante todo o desenvolvimento vital. Assim a construção desta identidade tem como função filtrar as experiências do indivíduo. Tais experiências são acumuladas no decorrer da vida de forma que em determinado momento ocorre uma transformação na forma de ver sua identidade. O autor adota uma divisão em fases, conforme pensada por Helms (1993, apud Ferreira, 2000). A primeira é caracterizada pelo *impacto*, quando ocorre uma tomada de consciência. A segunda fase é caracterizada pelo *abandono da identidade* que vinha sendo desenvolvida para a adoção de uma “nova”, causando sentimentos de confusão e desamparo. Na terceira fase, o indivíduo passa a agir, assumindo sua “*identidade negra*”. A esta transformação, o autor associa a “conversão religiosa”, que ocorre quando o indivíduo toma a decisão de “tornar-se negro”.

Neste momento, o indivíduo decidiu-se por uma mudança.

Em geral, este estágio vem acompanhado de uma busca por maiores referências relativas à nova identidade em questão.

Para Helms (1993b), até esse momento, a pessoa estava submetida a uma visão do negro determinada pela cultura branca, e sua maneira de agir é estereotipada, sendo a referência da pessoa negra uma referência de grupo definida externamente, levando-a a pensar, sentir e comportar-se de acordo com padrões idealizados de como a pessoa negra “deve” agir. (Ferreira, 2000, p. 80)

Ele secciona tal estágio em duas fases: *imersão* – é um momento de crise, este é o momento em que a pessoa mergulha no mundo negro, vivenciando uma espécie de desenraizamento, que pode também ser acompanhado de fortes sentimentos de raiva. Neste momento, ocorre a

formação de uma *pseudo-identidade negra*, e não propriamente uma afirmação positiva de suas referências negras. Tal fechamento pode resultar em um preconceito, direcionado, desta vez, contra a população branco-européia.

Creio que, apesar dos riscos, a militância seja um estágio importante a ser vivido para o desenvolvimento da identidade. A participação do militante favorece a recuperação dos valores da cultura e da história do negro para, mediante um processo de reconstrução, levá-lo a revisar os valores introjetados durante o processo de socialização, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma identidade e uma auto-estima mais positivas. (Ferreira, 2000, p. 82)

Fase de *emersão*- Muito da hostilidade inicial é dissipada e a energia é voltada para a exploração dos valores de seu próprio grupo. Desta forma, ocorre a internalização destes valores contribuindo para a construção de uma identidade positiva de afirmação.

Nesta etapa, o indivíduo desenvolve uma perspectiva não estereotipada com características de maior valorização e menos defensiva. Esta nova identidade tem três funções: defender e proteger a pessoa de agressões psicológicas; promover um sentimento de pertencimento e promover um ponto de partida para transações com pessoas pertencentes a outras matrizes, diferentes da africana. A partir do momento em que o indivíduo passa a compreender os valores de matrizes distintas, esta internalização passa a ser menos conflitiva.

O indivíduo tem consciência de o racismo ainda fazer parte da experiência brasileira e de, provavelmente, ainda ser alvo de atitudes racistas, porém, a partir deste estágio, já desenvolveu recursos de defesa, um sistema de censura e uma orientação de eficácia pessoal que o predispõe a atribuir a culpa de circunstâncias adversas a outros fatores e não mais a si próprio. Desenvolve-se, assim, a consciência da importância das matrizes africanas na construção de sua identidade. O

afro-descendente passa a sentir-se aceito, com propósito de vida, a estar profundamente enraizado na cultura negra, sem deixar de perceber as condições às quais está submetido em um mundo que o vê com preconceito. As matrizes africanas passam a ser efetivamente afirmadas. (Ferreira, 2000, p. 84)

Em seguida, Ferreira trabalha esses conceitos a propósito de uma entrevista realizada com João. Os tópicos em questão são trechos, transcritos da entrevista com João, intercalados com a fundamentação e análises do autor.

Primeiramente, João se apresenta falando seu nome. Aqui Ferreira (2000) diz que este ato demonstra a relação existente entre o nome e o indivíduo, sem que este nome seja a representação da identidade deste indivíduo, mas apenas uma referencia. Em seguida, João expõe seus papéis e funções, como, seu cargo no candomblé, sua ascendência religiosa e posição familiar. Em seguida, fala de sua participação em um grupo de militância negra. Enfatiza sua busca por valorização de aspectos etno-raciais, em contraposição à busca de referencias político-partidária. João se mostra com projetos para o futuro, um indivíduo em processo de constante transformação, com um início realizado, porém um futuro em aberto. *“João é um caminhante”*, referindo-se no caso ao estágio de consciência em que se encontra com respeito à negritude e à participação desta consciência na formação de sua identidade afro-descendente em um país que sempre conferiu uma valorização negativa e preconceituosa aos afro-descendentes.

Ferreira afirma que, a partir dos relatos sobre os lugares em que morou, pessoas de importante influência e condição social, João procura definir quem é.

De uma família de origem pobre, João descreve sua difícil trajetória, relatando o caminho trilhado para sua instrução acadêmica, seu engajamento em movimentos etno-raciais e a influência de seus pais e familiares no desenvolvimento de sua identidade. Em sua relação familiar é possível perceber o contato do entrevistado com a discriminação e a “democracia racial”, de forma simultânea. *“João é um lutador”*.

O estágio de submissão, explicitado anteriormente, aparentemente, não aparece desta mesma forma em João. Nele, tal estágio pode ser percebido em forma de episódios. João apresenta diversas situações onde vivencia preconceito, discriminação e racismo. Porém, apesar de ter ciência da desvalorização de suas características etno-raciais, também aprendeu a tê-las em alta conta, principalmente por parte de seu pai.

Em uma sociedade, como a brasileira, é comum o afro descendente deparar-se com situações de discriminação e humilhação etno-racial. Sendo assim, é possível que uma determinada situação, envolvendo o preconceito racial, possa servir de estopim para uma conscientização de tais circunstâncias discriminatórias.

Para João alguns fatos se lhe apresentaram de grande significado. Aparentemente, uma situação, ocorrida quando ainda era muito jovem, em que foi discriminado por outros dois jovens brancos, lhe foi marcante, e é apresentada pelo autor como a possível *situação desencadeadora do estágio de impacto*. Após a narrativa deste acontecimento, João apresenta outros fatos e situações que favoreceram a tomada de consciência de sua origem afro-descendente e da discriminação, humilhação e injustiça vivenciadas por ele e outros indivíduos de mesma origem.

O *estágio de militância* é caracterizado, principalmente pela busca de enraizamento nos valores etno-raciais africanos e uma inversão de valores, tomando agora o afro descendente como superior e desprezando o indivíduo e cultura branca européia. É muito comum neste estágio, a participação em grupos onde há a afirmação de tais valores. Neste trecho, João descreve algumas de suas experiências e participações em tais grupos. Dentre estes menciona, a UNEGRO, o grupo de capoeira CATIVEIRO, e outros grupos ligados às raízes africanas. Além destes, *João também discorre sobre a importância de manifestações culturais, como o carnaval, as escolas de samba e o movimento Hip Hop, para a construção de uma identidade afro descendente*. O autor novamente ressalta a importância do estágio de militância para o indivíduo de origem afro descendente, e para o contato com tais raízes. Porém, ele novamente expõe a importância da transposição de tal

estágio a fim de evitar o desenvolvimento de um preconceito inverso, desta vez direcionado ao indivíduo e cultura de origem branco européia.

João fala com orgulho de suas conquistas, e como estas influenciaram positivamente sua auto-estima. Ainda assim, muito de seu discurso é pautado por uma referencia “branca”, encontrando-se muitas vezes fixado em um estágio de militância, apresenta uma visão dicotômica a respeito dos valores negros e brancos. Daí, os valores “brancos” serem apresentados como superiores em relação aos “valores negros”, mesmo que o indivíduo em questão seja afro-descendente.

João se mostra como um homem de projetos e deseja que sua filha desenvolva uma identidade afrocentrada, de modo que atribua valores positivos às suas características pessoais, e que destas tenha orgulho. Ele também demonstra o desejo em ver a filha disposta a lutar contra situações de discriminação, como as vivenciadas por ele.

Consideramos que o autor faz um esforço no sentido de delinear uma teoria psico-social do processo de construção da identidade afro-brasileira. Porém, é preciso ressaltar que para tanto faz-se necessário tomar em consideração diversos fatores relativos à constituição sócio-econômica e territorial do país. A questão da discriminação e da desigualdade social apresenta-se com tal impacto que muitas vezes transcendem a questão do indivíduo em particular. Desse modo, acreditamos existir algumas questões que não podem ser tratadas exclusivamente em sua particularidade, por serem questões que envolvem todo um histórico de segregação e desvalorização dos indivíduos e cultura afro.

III.11 - Adolescência

Este item se justifica em razão de nosso trabalho de campo ter se voltado para as mudanças dessa fase da vida, e de como se manifestam entre os jovens do Capão Redondo, bairro em que moram os jovens que freqüentam a ONG Casa do Zezinho, onde realizamos a pesquisa.

Em geral, a adolescência é conhecida por ser um período de crises. Comumente a esta etapa são relacionadas mudanças no que diz respeito a muitas das características destes sujeitos. Muitos estudiosos têm se dedicado a estudar os fenômenos relacionados à adolescência e aos aspectos relacionados a esta.

Em seu artigo “Adolescente(s), família(s) e escola(s)”, Ana Paula Relvas (2000) escreve sobre a relação entre família, escola e adolescência. A autora expõe a necessidade de delimitação teórica entre os aspectos psicológicos e sociais que participam da formação psicossocial do adolescente, e como a falta de tais distinções, faz com que se estabeleça uma relação direta entre a família, a escola e o adolescente. Em sua obra, ela expõe a adolescência como um período de busca de autonomia e independência. Segundo ela, a família exerce um papel fundamental de preparação do adolescente, até aquele instante dependente, para a autonomia e para assumir o seu lugar de responsabilidades na vida social, relacional e afetiva. Para que isto ocorra, é necessário que a família permita a este adolescente a imersão no mundo exterior ao núcleo familiar, ou seja, é necessário que seja permitido ao adolescente transitar livremente entre os contextos interno e externo da família.

Relvas afirma que a capacidade que o indivíduo possui para satisfazer suas próprias necessidades básicas é chamada de independência, e que a aspiração do indivíduo de obter esta independência é denominada autonomia (RELVAS, 2000, p.54). Segundo a autora, a conquista destes dois aspectos é fundamental para uma boa evolução da fase em questão.

Em termos dinâmicos e estruturais, a primeira palavra-chave desta etapa é, como seria de esperar, *flexibilidade*; a segunda é *continuidade*. A flexibilização em termos de limites (que são afinal, normas ou regras familiares) é exigida pelo “vaivém” do adolescente entre interior/exterior do sistema e pelos avanços e recuos na autonomia por ele protagonizados; deste modo há necessidade ora de “apertar”, ora de “afrouxar” esses limites (RELVAS, 2000, p. 53).

E sobre esta busca a autora ainda sustenta:

Com o advento da maturação sexual, de novas e mais complexas capacidades cognitivas e físicas, os filhos iniciam o processo que os faz quebrar a dependência infantil e os conduz ao mundo social extra-familiar. Para eles, significa buscar a autonomia, aventurar-se fora da matriz familiar, sem, no entanto, cortar abruptamente com os laços familiares e o suporte que eles lhes fornecem. Para os pais significa um abrandamento progressivo do controle exercido sobre os filhos e o aumento correlativo da flexibilidade das normas familiares face à sua crescente independência (RELVAS, 2000, p. 54).

Desta forma, a busca do adolescente por esta chamada independência e autonomia, ocorre não movido pelo desejo de desligamento e rompimento com sua família, mas em busca da auto-afirmação de si no meio social, assim como no meio familiar.

Jeammet (2007) define adolescência como sendo o período da vida em que ocorre a transição da infância para a vida adulta. Esta transição tem seu início com o fenômeno fisiológico denominado puberdade. Por outro lado, o fim da adolescência não possui uma determinação tão rígida como o seu início. Salienta, no entanto, que o começo da adolescência não se pode delimitar *“em relação a um fenômeno fisiológico, a puberdade, mas em relação a um fenômeno psicológico, individual e social”* (p. 13). Portanto, o seu começo não pode ser determinado apenas a partir do encerramento da puberdade, encontrando-se diretamente relacionado à organização social e cultural no qual o indivíduo está inserido.

“Durante muito tempo o ingresso na vida profissional e o compromisso conjugal selaram o fim da adolescência” (Jeammet, 2007, p.14). Nos dias atuais, os pequenos ritos de encerramento, como o término do ensino médio, a entrada no mercado de trabalho e a conquista de moradia independente dos pais, têm sido postergados e adiados para depois da conclusão da graduação ou para mais tarde ainda. Desta forma, ocorre uma crescente dissociação entre o tempo fisiológico, da puberdade, e o período determinado como adolescência. De acordo com o autor, esta adolescência é prolongada e este

novo período é denominado como pós-adolescência, estendendo-se, assim, os chamados “estatutos transitórios”, referindo-se, no caso a: estudos, casamento, nascimento do primeiro filho, moradia e outros aspectos sócio-culturais. Prolonga-se, desse modo, a dependência do indivíduo em relação aos responsáveis, geralmente representados pela figura de seus pais; dependência esta, porém, que caminha na contramão da necessidade do indivíduo adolescente ou pós-adolescente, no caso, de se tornar autônomo. Entretanto, se por um lado, o fim da adolescência, em geral, vem a cada dia sendo prorrogado, para os adolescentes moradores de periferia, por diversos fatores, vem apresentando sinais de diminuição e encurtamento. O acúmulo de tarefas e a necessidade de assunção precoce de responsabilidades, são alguns dos fatores que influenciam neste aspecto.

Juntamente às mudanças fisiológicas, relacionadas ao processo da puberdade, a adolescência é um período de maturação psicossocial. Neste momento, o adolescente busca compreender as mudanças em seu corpo, sua mente, assim como suas relações exteriores, que influenciarão no modo como vê a si mesmo, o modo com que se relaciona consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Esta quantidade de modificações desencadeia uma crise. Segundo Jeammet (2007), esta crise ocorre em todos os indivíduos que passam pela adolescência. Tanto as mudanças fisiológicas como as psicológicas e sociais lhe são impostas de modo que ao passar por esta fase não lhe é possível permanecer do mesmo modo que era anteriormente.

“O caráter inelutável dessa mudança e a pressão psicológica que dela resulta dão à adolescência este caráter de crise.” (Jeammet, 2007, p. 27). Diferentemente do que comumente possa parecer, a crise adolescente não apresenta necessariamente características de sofrimento, conflitos e manifestações violentas.

Mas crise não quer dizer necessariamente manifestações espetaculares, tumultuosas ou violentas, nem mesmo situações de conflitos repetidos. Ela não é mais sinônimo de sofrimento inevitável. A mudança não é necessariamente dolorosa. Nessa idade, a mudança muitas

vezes vem até acompanhada de um sentimento de liberdade, de libertação dos empecilhos da infância, de entusiasmo diante das possibilidades e dos novos prazeres que se oferecem aos adolescentes, especialmente em matéria de amizades e de relações amorosas (Jeammet, 2007, Pg 28).

Com isso, porém, em nenhum momento o autor apresenta a intenção de desmerecer ou diminuir a angústia e o mal-estar existentes neste período da vida, apenas salienta não ter necessidade de que o mesmo seja vivenciado de forma dolorosa e sofrida.

Ao fim deste momento de transição, é possível perceber, além da mudança corpórea, uma mudança em relação ao caráter e comportamento do adolescente, de forma que, finalizada essa fase de transição, fica evidenciada a ultrapassagem da infância e de seus modos de relação com os pais e mundo à sua volta.

Adolescência e periferia

No artigo “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”, Novaes (2006 p. 105) afirma que *jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais*. Como já foi dito anteriormente, a adolescência é conhecida como o período de transição entre a infância e a maturidade necessária para a vida adulta; esta transição implica na busca por independência, em seus diversos âmbitos, e de autonomia. Porém, nem todos os adolescentes passam por esta fase de uma mesma maneira. Os adolescentes moradores de periferia e de classe social mais baixa experimentam condições financeiras, sociais, familiares e afetivas bem diferentes em relação aos das classes médias. Além dos preconceitos em relação à sua raça, local de origem, moradia e outros aspectos, estes jovens têm sua juventude comprometida, pois a necessidade de amadurecimento e aquisição de diversas responsabilidades, na maioria das vezes, atribuídas a eles muito precocemente, restringe sensivelmente o tempo de descobertas e possibilidades da adolescência. Desta forma, é possível afirmar que, os jovens moradores das periferias de metrópoles brasileiras, como São Paulo, devido às

suas precárias condições de vida e à falta de oportunidades, experimentam condições específicas na formação de suas identidades, merecendo uma análise de todos esses fatores mencionados.

Em relação à família, pode-se dizer que, em grande parte das vezes, encontra-se apoiada exclusivamente na figura materna, sendo em geral a que provê o sustento da família e estabelece os limites e caminhos para os filhos. É preciso tomar o cuidado, entretanto, para não estereotipar as famílias moradoras de periferia. É preciso atentar para o fato de que há anos, desde os grandes processos de migração no Brasil, que as famílias, antes patriarcais, se vêem sob uma nova ordem em função de diversos aspectos externos e internos. Por vezes, estas famílias já não possuem a figura paterna em decorrência do abandono voluntário, da violência ou da negligência por parte dos maridos/companheiros, sendo assim necessária a formação de novas ordens familiares. Os jovens pertencentes a estas famílias vêem-se, por diversas vezes, “obrigados” a auxiliar no sustento do lar e no auxílio nos cuidados e formação dos irmãos mais novos. Para isso, muitos destes jovens e adolescentes deixam a escola, necessitando buscar formas para auxiliar financeiramente seus familiares; outros tornam-se os verdadeiros responsáveis da casa, mantendo a ordem e cuidando dos demais integrantes. Diante destas necessidades, podem ocorrer casos de envolvimento com o crime e a gravidez precoce.

Fora do âmbito familiar, estes jovens deparam-se com diversos aspectos negativos, como o preconceito, as barreiras impostas pela sociedade e a falta de recursos. Encontram-se literalmente excluídos de uma boa formação, uma vez que a grande maioria, mesmo quando lhes é possível concluir os estudos, o faz em instituições públicas de má qualidade e de recursos considerados básicos, como boa alimentação e moradia.

Em “Cabeça de Porco”, os autores (Soares, L. E. et all, 2005) (???) salientam a indiferença com que a sociedade e estado brasileiros tratam os meninos e meninas pobres. Esta indiferença gera uma invisibilidade. E é com esta invisibilidade que estes jovens são destinados a viver, porém de que forma e a que custo?

Eles descrevem a adolescência como um período difícil, uma fase de incertezas e inseguranças. O adolescente não é mais criança, mas também não é adulto. Uma fase na qual se passa a desacreditar. *O ceticismo é o cartão de visitas da maturidade moderna (pós-moderna)* (Soares et all, 2005, p. 205). Por isso eles dizem que este período se caracteriza por ter a *identidade em obras*.

Para os autores, identidade é definida pela originalidade e singularidade de alguém, aquilo que torna alguém único. *“Uma criança só se torna uma pessoa dotada de consciência de si e de identidade própria, ao romper os laços de dependência com os pais e conquistar sua autonomia.”* (Soares et all, 2005, p. 205). Assim, o adolescente se apropria de referências que julga positivas e se afasta daquelas que julga negativas. Desta forma, passa a adotar posturas que incluem a forma de agir, as escolhas de vestimentas e formas de falar que representam esta nova identidade em construção. Os autores destacam, entretanto, o papel fundamental do outro e do olhar do outro durante este complexo processo de construção. Nesse sentido, consideram essencial a questão do desenvolvimento de uma identidade em um contexto de invisibilidade, tal como aquele vivenciado por tantos jovens moradores de periferia.

Soares, Bill e Athayde (2005) advertem sobre o fato desta construção não poder ser realizada isoladamente, como um homem-ilha. Para a construção de uma identidade, o adolescente necessita de modelos, e o ambiente externo influencia evidentemente nesse processo:

Não há como focalizar a problemática da identidade e driblar a questão do pertencimento. Seria o mesmo que considerar a identidade apenas pela metade, observando-a apenas do ângulo da originalidade e da diferença, eliminando qualquer referencia ao outro lado da moeda: a semelhança e a aproximação. (Soares et all, 2005, p. 207)

A adolescência por si só, já se mostra como um período difícil da vida. Entretanto, este período é agravado diante das constantes manifestações de

abandono sofridas pelos indivíduos moradores da periferia nesta fase da vida. Estas situações de abandono trazem uma sensação de invisibilidade que compromete o desenvolvimento saudável de sua identidade. Tais situações de abandono são, geralmente, vivenciadas primeiramente em suas próprias casas, posteriormente, agravadas por uma vivência comunitária pouco acolhedora, e prolongadas por uma escola pouco motivadora e desinteressante. Estes fatores não são sinônimos de que os pais com menores recursos financeiros são menos amorosos ou tem menos cuidado para com seus filhos. Mas se deve à impossibilidade destes de organizar sua vida profissional de modo a permanecer mais tempo em casa quando estes filhos são pequenos. Também se deve ao fato de esta parcela da população, em sua grande maioria, não possuir acesso aos meios de tratamento terapêutico em tempos de crise e dificuldades sócio-familiares. Diante desta realidade, é possível afirmar que esta parcela da população está mais sujeita à desestruturação da auto-estima devido à angústia e insegurança experimentadas. É de acordo com esta leitura que os autores relacionam a pobreza, angústia, baixa auto-estima, e a vivência infantil dos sentimentos de rejeição. Buscando tomar cuidado para não estigmatizarem estes jovens mais pobres e moradores de periferia, eles apresentam fatores, como pobreza, menor escolaridade, violência doméstica e outros, geralmente encontrados entre as famílias de classes mais baixas, que aumentam as probabilidades de uma degradação da auto-estima deste adolescente.

“Se a adolescência é uma etapa difícil da vida para todo mundo, com muito mais razão é um momento delicado para meninos e meninas pobres, no Brasil” (2005, p. 210).

A adolescência não é um período experimentado igualmente em todas as sociedades, nem em todos os períodos da história. Para muitos povos chamados “primitivos”, a passagem da infância é realizada a partir de um ritual, uma mudança brusca de fase que determina a entrada de um indivíduo na sociedade, e passa a autorizá-lo para certas tarefas e determinar-lhe alguns deveres. Já no período medieval, no mundo ocidental, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. Nos dois exemplos, a adolescência praticamente inexistia. O momento a ela relacionada, de questionamentos,

construções e incertezas, que hoje é tratado a partir de estudos especializados, é consideravelmente recente na história da civilização ocidental, sendo objeto de atenção há apenas alguns séculos e considerado por alguns como manifestação da modernidade. Entretanto, este fato não retira sua complexidade.

Os autores apontam a paradoxal situação atual do país, onde ainda, para muitos jovens pobres não há adolescência. O que ocorre é um salto da infância para o mundo do trabalho, ou do desemprego. A questão levantada por eles é de uma possível regressão na história, pois se no passado os meninos eram treinados para a guerra, hoje estão sendo obrigados, cada vez mais cedo, a lidarem com a violência, experimentada cada vez mais de perto. Por fim cabe o questionamento se o país não está se aproximando cada vez mais de uma “cultura masculina belicista” e se afastando do que se pode considerar fruto da “modernidade ocidental”.

III.12 - J., a adolescente do Jardim Lúcia

J é uma adolescente de estatura mediana e pele negra. Tem catorze anos, mora no bairro de Jd. Lúcia, localizado na região do Capão Redondo. J mora com sua mãe e seus dois irmãos mais novos em uma casa de dois cômodos pequenos. Segundo a adolescente, o quarto “até que é grande”, e além dele a casa possui uma sala/cozinha. Possui também alguns móveis, como guarda roupa, TV, cômoda e uma beliche onde dormem a adolescente e o irmão do meio, enquanto a mãe dorme no chão com o irmão mais novo em um colchão de casal. Em dias de frio, ela afirmou trocar algumas vezes de lugar com o irmão, pois este tem bronquite. Em comparação com as casas de seus familiares, J diz que a sua é a menor, porém a mãe tem planos de construir mais um quarto e uma sala em cima e também fazer uma garagem. Ela descreve a sua casa como “Ruim, pois ainda não está acabada, por isso parece velha e feia”.

A descrição da adolescente condiz com a descrição de diversas outras moradias da região. Em *Quilombo, Favela e Periferia*, Carril (2006), referindo-se ao que ela denomina de hiperperiferia, descreve a realidade de pessoas que

vivem em situações muito parecidas ao cotidiano de J e sua família. “O Capão Redondo forma uma estranha paisagem. São desenhos irregulares de casas ainda não totalmente prontas que se unem umas às outras, deixando parques espaços vagos”. (p. 128)

Assim como ocorre com outras famílias, muitos dos familiares de J. moram próximos, ou são vizinhos de sua casa. Sua casa, assim como a de alguns outros parentes foi construída pelo avô, porém ainda se encontra inacabada.

Como já foi exposto anteriormente, a estrutura externa e as pessoas à sua volta são essenciais para a construção de identidade do adolescente. Durante a entrevista, J. aponta algumas dificuldades relacionadas à sua casa e à sua família, vivenciadas por ela. A adolescente afirma que gostaria de uma casa maior e demonstra o anseio de ter espaços e bens individuais, como um quarto ou uma TV só para ela.

J. uma adolescente que se auto-denomina tranquila

Quando foi pedido para que ela se auto-descrevesse, a adolescente afirmou gostar de ajudar as pessoas; além disto, afirmou gostar de fazer amizades, porém se considera um pouco tímida. Ela se descreve como uma amiga fiel, disposta a brigar pelos amigos, se for preciso. Ela afirma não gostar de gente falsa, se acha bem calma, embora tenha me relatado uma briga que teve com seu primo por um mal entendido em relação à um “dadinho do jogo do beijo”. J também descreve diversas funções de responsabilidade exercidas por ela. Além de cuidar da casa, pois uma vez que a mãe trabalha por muitas horas, J. cuida dos irmãos, cumprindo, na maior parte do tempo, o papel de mãe. Sua mãe, inclusive, já lhe disse que ela era a primeira mãe de seus irmãos, considerando-se, conferindo, implicitamente, a si mesma, papel secundário ao da filha na casa. Sob esta alegação, a mãe confere a J. muita responsabilidade, como, pro exemplo, a cobrança de desenvolver uma boa conduta para ser um exemplo para os irmãos mais novos.

Como já foi dito anteriormente, não é necessário que a adolescência seja caracterizada por conflitos e sofrimentos para que seja satisfatória.

A imagem do adolescente atormentado, infeliz, sujeito a idéias suicidas, em constante revolta, corresponde a uma visão romântica da adolescência que não reflete a maioria das situações. E quando isto acontece, deve ser mais um motivo de inquietação do que de satisfação (JEAMMET, 2007, p. 39).

Porém o autor realiza uma distinção entre duas situações diversas. A primeira é referente a um adolescente que vive em um ambiente familiar que é propício ao diálogo sendo que a passagem por esta fase é realizada de forma tranqüila. Na segunda situação descrita pelo autor, o adolescente vive em um ambiente repressor e muitas vezes é submetido a constrangimentos e pressões que fomentam uma falsa tranqüilidade que esconde uma possível repressão de desejos próprios. Este aparentemente é o caso de J., nossa entrevistada. O autor ainda afirma que a pseudo-tranquilidade pode esconder uma depressão.

O adolescente é julgado tranqüilo por seu meio de convivência porque não faz barulho, respeita as convenções e não faz exigências particulares. Mas, de fato, ele está isolado e cortado dos outros. A tranqüilidade neste caso é apenas a expressão da ausência de um impulso vital, de uma falta de contato muito inquietante, que exige que a gente se preocupe e vá ao encontro do/da adolescente para ajudá-lo, a sair de seu fechamento (JEAMMET, 2007, p. 39 - 40).

Em casos extremos, alguns destes adolescentes só são realmente vistos após atos extremos de violência, ou situação parecida. Muitos dos adolescentes escondem, através desta pseudo-tranquilidade uma total falta de autonomia, vivenciada em função do medo da dissociação/separação de seus pais. Esta não-separação representa uma regressão. Tal medo leva o adolescente a fechar-se em suas relações familiares, temendo assim, o contato com o mundo externo. Nestes casos, a agressividade saudável que seria

destinada à busca deste adolescente por sua autonomia é redirecionada contra o próprio adolescente.

Família

Como já foi dito, J. mora com a mãe e dois irmãos. O pai faleceu, segundo ela, quando esta tinha entre 2 ou 3 anos. A adolescente não falou muito sobre o pai, e segundo ela, não sabe muito sobre este. Ela diz que sua mãe comenta que ele se envolvia com coisas erradas, como drogas. Por isso, devia dinheiro e foi morto. Não se lembra dele e o conhece apenas por fotos. Jeammet (2007) afirma que o pai tem a função de se interpor na relação mãe-filho, dando-lhe o sentimento de proteção. A ausência do pai não condena a menina à indiferenciação nas suas relações afetivas, mas complica a tarefa, embora, mesmo em situações mais difíceis como esta, encontrar noutros suportes uma espécie de compensação desta falta, ou até mesmo uma forma de reencontrar o pai nos objetos da cultura, em particular na música. Em seu artigo “A música e a psicanálise entre os adolescentes” Amaral (2007) aponta dois casos de meninos que se apropriaram da música como uma forma de reencontrar o pai que se apresentava de alguma forma ausente. Em seu texto Amaral (2007) afirma que alguns adolescentes encontram na música a “ancoragem narcísica que lhes faltara” (p. 101). Em casos desta forma, sem as referências que lhes são necessárias estes sujeitos buscam, a partir de meios criativos, as bases para seu desenvolvimento e uma forma de construir novas bases para si.

No caso de J. ocorre o que Jeammet chama de situação “monoparental”, e ele afirma ser esta uma situação de risco. Os filhos destas relações tem maior possibilidade de apresentar maiores dificuldades de toda ordem, além de distúrbios psíquicos, porém é preciso deixar claro que se trata de uma possibilidade e não de uma consequência necessária. Para o desenvolvimento psíquico da criança, necessário para a autonomia do sujeito psíquico, a criança necessita entrar em contato com o outro e com a figura de um terceiro que interdite a relação dual mãe-filho. O pai então, se faz necessário como cumpridor desta função.

Sua ausência [pai] torna mais difícil a abertura para o exterior, expondo o filho a uma dependência afetiva exagerada e, se ele sentir necessidade de diferenciar-se da mãe, pela criação de obstáculos à relação; e, interiormente, pela criação de uma relação fundada ao mesmo tempo no agarramento à mãe e na insatisfação (Jeammet, 2007, p. 89).

J., por diversas vezes, demonstrou ser uma adolescente muito apegada à mãe; em outros momentos, ela apresenta uma certa dependência em relação à mãe, chegando a afirmar que não se separará desta nem que venha a constituir uma outra família ou precise mudar-se de casa. Em seus planos, a mãe é sempre um sujeito presente. Aparentemente, J. busca em sua mãe uma segurança e valorização que não encontra em si mesma.

O fato de J. não se ver futuramente desvinculada de sua mãe demonstra uma realidade cada vez mais comum na sociedade atual. Cada vez mais os jovens, por diversas questões, postergam a saída da casa de seus pais. Jeammet afirma que estes aspectos representam um fenômeno psicológico que aos poucos toma uma dimensão sociológica. O autor afirma que com o tempo, esta separação pode ser dada de forma natural e satisfatória. Entretanto, para uma boa parcela dos indivíduos na sociedade contemporânea, o tipo de vínculo estabelecido com os pais tende a estabelecer tal situação de dependência mútua e regressiva, que dificulta a separação necessária para que o jovem alcance uma identidade própria.

Ao contrário do que muitos pais acreditam, a existência desta exagerada dependência não significa um amor exacerbado, mas sim uma insegurança do adolescente em acreditar em si mesmo. É como se a separação acarretasse a destruição de si.

Escola

São diversos os meios de convivência extra-familiares possíveis aos adolescentes. Dentre estes, talvez o de maior relevância seja a escola, dado o

papel formador e de socialização que esta deveria exercer junto aos alunos. Dentre as horas diárias, muitas são as horas passadas pelo adolescente na escola em comparação com a que mantém com pessoas fora de seu núcleo familiar, ou até mesmo em relação a este. A escola possui um papel de relevância na formação da autonomia e conquista de independência deste adolescente, ocupando o professor um lugar importante nestas conquistas.

A firmeza que anteriormente afirmávamos ser importante no caminho para a autonomia no contexto familiar, é igualmente relevante no contexto escolar (além de que ambas se complementam, sem se anularem ou excluírem). Também aqui, ao não ser confundido com excesso de controle ou repressão, o exercício da autoridade permitirá a aplicação da *lei da regulação do equilíbrio* das relações adolescente/adulto (Sampaio, 1994), que não esquece a auto-responsabilização dos adolescentes pelos seus atos. (RELVAS, 2000, p. 71)

Além disto, a escola possui um papel socializador de muita importância, pois neste espaço ocorre o estabelecimento de relações entre indivíduos diversos, com diferentes histórias; além das relações entre os indivíduos de idades próximas, também há o conflito entre gerações, envolvendo, na maioria dos casos, a relação professor - aluno. Na escola, estes indivíduos se relacionam e interagem através da formação de grupos, que apresentam forte influência na formação da segurança do adolescente.

A importância do grupo de pares na escola merece, neste contexto, alguma reflexão, nomeadamente no que comporta de aprendizagem relacional e de limites em termos informais, embora sujeita a normas de convivência auto-geradas e organizadas no próprio grupo. O grupo de iguais proporciona, como afirmamos atrás, parte da segurança e ligação emocional de que o adolescente necessita, aspecto que, como também já clarificamos, se vem tornando atualmente cada vez mais relevante. Psicólogos, sociólogos,

etnólogos estão de acordo neste ponto: a quantidade e qualidade das interações entre iguais favorecem o desenvolvimento de competências afetivas, sociais, cognitivas e intelectuais, bem como a aquisição de papéis, normas e valores sociais. (RELVAS, 2000, p. 75)

Desta forma, além do aprendizado intelectual de conteúdos formais, a escola desenvolve uma importante função no aprendizado social e afetivo de seus freqüentadores.

J. está na 8ª série (9º ano) e é enfática ao dizer que não gosta de sua escola. Ao descrever sua escola afirma que esta possui muita “zoeira”, bagunça e falta de respeito. Quando questionada sobre o ensino da instituição, J. afirma gostar dos professores, mas que muitas vezes a falta de ordem, dificulta o aprendizado e o bom desenvolvimento do ensino.

A partir das declarações fornecidas pela adolescente é possível constatar a má qualidade dos serviços públicos, como a educação que é lhes é oferecida, além de ser escassa a oferta dos serviços básicos aos moradores de periferia, envolvendo saúde, educação, moradia e transporte. Porém, é preciso pensar em como a má qualidade de tais serviços fundamentais, interfere na construção da identidade destes indivíduos.

Em nenhum momento deste trabalho, houve a intenção de generalizar a situação de vida encontrada no sujeito entrevistado, aos adolescentes da periferia, mas, ao contrário, apenas encontrar no particular as tendências mais gerais daquela população moradora da periferia. Neste caso, simbolizado por uma adolescente específica, com seus conflitos e sentimentos particulares.

IV - Encontros na CZ

IV.1 - Adolescência e periferia

No reinício das atividades desenvolvidas com os jovens, em março deste ano, optamos por retomar uma atividade que já tinha sido parcialmente desenvolvida. A opção por realizar tal atividade se deu devido à boa aceitação por parte dos alunos e à significativa participação destes e pelas possibilidades

de discussão sobre a situação vivida por eles em seu cotidiano na periferia que ela proporciona.

Iniciamos então as atividades do semestre questionando os alunos sobre “*O que é ser adolescente no Capão Redondo?*”. Sugerimos aos alunos que confeccionassem painéis com textos, figuras e desenhos que de alguma forma expressassem o que sentiam como moradores daquela região, como a vivam, como se viam, e como viam os outros.

O envolvimento alcançou e até mesmo ultrapassou nossas expectativas. Em grupos, os alunos produziram cartazes⁵ que abordavam assuntos variados, mas presentes em seus cotidianos. Este trabalho perdurou em mais de uma de nossas oficinas devido ao empenho dos alunos em realizar um trabalho que contivesse não apenas um valor de realização, como também agregasse um valor estético positivo. Após esta primeira etapa, propusemos a eles que realizassem uma pequena apresentação de seus trabalhos e que dissessem ao restante da turma o que cada ponto representava. Desta forma buscávamos abordar todos os temas levantados aproveitando para realizar debates, de forma que diferentes pontos de vista fossem expostos.

Ao fim da apresentação de cada grupo perguntávamos aos alunos quais eram os temas principais de cada trabalho, e pedíamos que os resumissem em uma ou duas palavras. Com isto, visávamos a continuação desta atividade buscando posteriormente a criação de rimas.

Após abordarmos os temas principais em cada cartaz, realizamos a escolhas do que chamamos de “palavras chave”, que deveriam representar uma síntese do que havia sido representado nos painéis. Sendo assim, foram selecionadas as seguintes palavras-chave:

1. Diversão
2. A gente transforma a favela em lugar melhor
3. Sem racismo; Ter orgulho da favela; Igualdade de direitos
4. Diversão; Bike = Sucesso com garotas?
5. Sexo seguro

⁵ Fotos de alguns destes trabalhos em anexo I/B

6. Futuro melhor; Cidade limpa; O Capão merece ser respeitado
7. Amizade; Amor; Sonhos

Já nesta oficina iniciamos um jogo simples de rimar que consistia em buscar palavras ou expressões que rimassem com as “palavras-chave”. Esta atividade teve continuidade, e maior consistência, na oficina posterior, onde além de retomar as questões apresentadas anteriormente, foi proposto aos alunos que tentassem compor alguns versos ou letras de rap. Em geral, nossas propostas para a composição dos alunos, buscava oferecer materiais de apoio, sugestões e exemplos, para que se sentissem mais preparados. Ainda relacionada à adolescência, buscamos dar início às propostas centrais de nossa pesquisa, que envolvia a produção poética dos adolescentes participantes. Na oficina em questão foram produzidas duas letras ⁶ que já apresentavam um conteúdo e um arranjo de rimas bem interessante e sobre o qual, juntamente com os temas abordados nas composições, foi possível desenvolver diversas outras atividades e debates.

Em continuação apresentamos aos alunos algumas outras músicas para que estes pudessem ter mais referências, além do rap, para a análise e construção de letras. Para esta atividade, apresentamos a música “Pivete” de Chico Buarque e “Assim Segue” ⁷ do grupo de rap Terceira Safra. Optamos por estas músicas por apresentarem uma temática em concordância com a realidade retratada pelos alunos em suas letras e em seus painéis, apresentados anteriormente. Também optamos por Chico Buarque, a fim de proporcionar aos alunos um contato mais próximo com músicas de gêneros diferentes dos costumeiramente ouvidos por eles, como pagode, funk e o rap. Aproveitamos também para abordar a importância que o compositor exerceu na música popular brasileira, principalmente por seu teor contestatório e de resistência. Buscamos assim, traçar um paralelo entre este, dando prioridade à música apresentada naquela atividade, e as contestações dos *rappers* brasileiros. Abordamos questões sociais apresentadas nesta letra do Chico,

⁶ Anexo com letras produzidas nesta oficina em Anexo I/C

⁷ Letras das músicas “Pivete” de Chico Buarque e “assim Segue” do grupo Terceira safra em Anexo I/D

como os menores moradores de rua, o uso de drogas, a ascensão pelo futebol, o lugar do negro no Brasil e outros assuntos. Os alunos participavam expondo suas opiniões e descrevendo situações vividas por eles ou por conhecidos. Estas discussões foram realizadas com ambas as músicas.

Como sugestão dos próprios alunos, levamos alguns instrumentos musicais para servirem de base musical para a reprodução das letras compostas por eles.

IV.2 - O Movimento Hip Hop

Depois, para dar início á criação coletiva em torno do hip hop, consideramos que para a realização de um trabalho mais consistente seria muito interessante apresentar um pouco da história do Hip Hop para os adolescentes. Para isto solicitamos ao pesquisador Djalma de Campos, participante da pesquisa de Políticas Públicas, também coordenado pela Profa. Dra. Mônica do Amaral, sob o título "*Rappers, os novos mensageiros urbanos na periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa*", a realização de uma oficina-palestra. A proposta era de que, a partir das entrevistas realizadas com renomados personagens da cena do Hip Hop, e também a partir de seu próprio conhecimento acerca do movimento, ele conduzisse uma oficina de modo a esclarecer aos alunos questões relativas à história do movimento, a sua chegada ao Brasil e os percursos que tomou durante as poucas décadas de sua existência (desde os anos 80). Djalma abordou os assuntos utilizando variados meios como vídeos, fotografias, gravações de áudio e etc. Infelizmente, neste dia ocorreram alguns problemas de ordem técnica que dificultaram a completa execução da atividade. Porém, os alunos se mostraram muito compreensivos e interessados, se dispondo a, apesar dos problemas, colaborarem para o bom andamento da oficina.

Em continuação buscamos apresentar aos alunos trechos de vídeos das oficinas anteriores, principalmente para que observassem seus desempenhos e avanços em relação à apresentação de suas primeiras composições juntamente com os instrumentos musicais. Durante as oficinas, buscamos sempre realizar, ainda que de forma breve, uma recapitulação dos conteúdos e

percursos anteriores, de forma que os alunos tomassem suas próprias conclusões e sugerissem novos passos para as nossas oficinas. Neste caso, ao abrirmos a oportunidade para os educandos relatarem o que acharam, eles ressaltaram as melhoras que foram adquiridas com o tempo, como a aquisição de segurança e melhor domínio da letra e da música. Perguntamo-lhes se havia algo que poderia ser melhorado e eles destacaram que era necessário realizar uma diferenciação musical entre o funk e o rap (mais especificadamente entre suas batidas). Os adolescentes citaram algumas características que julgavam ser diferentes entre os dois gêneros, dentre estas afirmaram que “o funk é mais rápido do que o rap”. Mostramos a eles duas músicas conhecidas pela maioria dos alunos: “Fim de semana no Parque”, dos Racionais Mc’s e “Diretoria”⁸, de DJ Malboro e MC Sapão. Os alunos sempre gostam muito quando ouvimos músicas que fazem parte de seu repertório cotidiano. Como das outras vezes, cantaram junto com as músicas, mas desta vez também foi pedido que se atentassem às batidas, às diferenças e semelhanças, e que depois reproduzissem no corpo ou nas mesascada um dos ritmos. Percebemos que alguns rapidamente compreenderam as diferenças e demonstraram familiaridade com os ritmos. Em grupos foi sugerido que escolhessem uma das composições anteriores para realizar uma batida ou outra, a fim de que ficassem nitidamente dissociadas em suas mentes. Espontaneamente os alunos se dispuseram a compor novas letras⁹ para realizar as batidas. De certa forma, este momento criativo dos adolescentes nos surpreendeu. Estes acontecimentos também demonstraram como os educandos, quando desenvolvem atividades com as quais encontram identificação e que trazem um significado para sua aprendizagem, participam com envolvimento integral. Um dos grupos formado era composto integralmente por meninos. Um deles, em especial, como já era muito familiarizado com a batida e formas do funk, pôs-se a fazer diversas rimas improvisadas, exigindo, a todo momento, o microfone para cantá-las para o

⁸ Anexo das letras “Fim de semana no parque” do grupo racionais MC’s e “Diretoria” de DJ Malboro e MC Sapão em Anexo I/E

⁹ Letras compostas pelos adolescentes participantes da oficina em Anexo I/F

restante da turma. Como as composições eram realizadas de uma forma improvisada, muito do que eles fizeram não pode ser registrado. Esta é uma forte característica da improvisação, ela é passageira e não pode ser reproduzida. Outro grupo nos chamou muita atenção durante a realização da atividade. Este era composto por três meninos e três meninas. As meninas, aparentemente, não se interessavam muito pelos gêneros musicais apresentados durante a atividade. Quando questionadas sobre quais os gêneros que gostavam de ouvir, afirmaram que preferiam o forró e o axé. Talvez, em função deste ponto, inicialmente, não se interessaram em realizar as composições. Foi então que propusemos que escrevessem sobre o que sentiam em relação a serem mulheres. Damos a elas a opção de compor um texto, que posteriormente poderia ser musicado, ou realizar uma composição textual livre, podendo ser em versos ou em prosa. Uma delas nos entregou sua composição. Primeiramente ela se expressou através de uma música ¹⁰ para posteriormente escrever sobre seus sentimentos. Além destes, outros grupos também realizaram suas próprias composições.

Aos poucos, foi possível perceber um processo de construção sendo desenvolvido conjuntamente com os alunos. Respeitando o processo criativo destes, e traçando o caminho de acordo com o desenvolvimento dos próprios alunos; produções de caráter poético-musical foram sendo elaboradas sem que para isto fosse necessário um processo fatigante. Ao contrário, buscou-se trabalhar de forma que este resultado surgisse espontaneamente como consequência de um caminho de criação.

Aos poucos os alunos começaram a compor suas letras e naturalmente começaram a abordar sobre os assuntos vividos em seus cotidianos. Para servir como mais um estímulo levamos a eles um clipe da música “A vida é desafio”, do grupo Racionais MC’s¹¹, muito prestigiado pela maioria dos alunos. Conversamos um pouco sobre o que era apresentado no vídeo através das

¹⁰ Trecho da música “Pássaro de Fogo” da cantora Paula Fernandes, utilizada pela aluna e seus escritos sobre “O que é ser mulher no Capão Redondo” em Anexo I/G

¹¹ Clipe da música “A vida é desafio” do grupo Racionais MC’s encontrado em: http://www.youtube.com/watch?v=52NT9cSWC_8 Acesso em 29/09/2011. Letra desta música em Anexo I/H.

imagens e da letra. Também conversamos um pouco sobre o papel do rap e etc. Apresentamos aos alunos a introdução do documentário “Hip Hop à lápis”, que aborda uma breve linha do tempo com um apanhado geral das influencias e origens do hip hop, mais especificamente do rap. Tendo acesso a um mapa da África conversamos sobre os *Griots*, responsáveis pela transmissão da cultura (oral) de uma geração à outra, falamos também sobre o estilo de música marcado por desafios, às vezes acompanhado por “desaforos” e improvisos, relacionando também aos desafios e improvisos existentes no repente nordestino. Em seguida, percorremos o mapa da África em direção aos EUA, momento em que o clipe mencionava a música que começou a ser tocada pelos ex-escravos com seus lamentos e tambores, que acabaram dando origem ao Soul. Depois, percorremos o surgimento do Jazz, dos Blues, do Funk, das bandas de Jazz, divas do Blues e etc. Também achamos pertinente traçar uma breve história acerca do descobrimento, da exploração do trabalho escravo e de como estas duras realidades acarretaram diferentes aspectos para a cultura norte-americana e brasileira. De forma sucinta percorremos o caminho que Portugal fez em torno da África, colonizando e cobrando impostos da extração do ouro dos países africanos para garantir suas expedições e sua expansão de fronteiras. Em seguida, discorremos sobre como Pedro Álvares Cabral acabou embarcando em Porto Seguro no sul da Bahia e como inicialmente se contentaram em explorar a mão-de-obra indígena, mas que, aos poucos, para prover as necessidades dos europeus, resolveram entrar em um negócio bem mais lucrativo: não o tráfico de drogas, mas o tráfico de gente, negociando escravos de alguns países africanos, como Angola e Congo.

Também foi exposto sobre como, durante o século XX, os descendentes de escravos que trabalharam na lavoura no sul foram para o norte dos Estados Unidos em busca de emprego, pois lá estava se desenvolvendo um parque industrial. Foram morar dentre outros lugares no Harlem, no norte de Nova York, mas que, nos anos 70, com a especulação imobiliária acabaram sendo expulsos de lá e além de ficarem sem emprego, tiveram que se mudar para um bairro mais distante - o Bronx. E foi lá que os jovens sem emprego começaram a se reunir para fazer música, mas também começaram a se organizar em

gangues que lutavam entre si, matando uns aos outros. Salientamos como Afrikabambata foi um dos líderes que conseguiu fazer com que as gangues parassem de se matar para fazer música, produzir cultura e com esse objetivo fundou a Zulu Nation.

Também achamos necessário analisar as letras, não apenas a partir dos conteúdos temáticos, como também explorar a linguagem oral e escrita utilizadas por eles fazendo-os compreender acerca da liberdade poética que a arte possibilita.

IV.3 - Sobre as origens e o cotidiano atual

Durante algumas das oficinas seguintes, seguimos com o resgate da história das formações do país. Com eles dialogamos sobre diversos assuntos como a diáspora africana, os processos de branqueamento impostos à população; também abordamos a questão da migração nordestina em direção ao sul e sudeste e o surgimento de culturas híbridas e de resistência, que hoje povoam a periferia das metrópoles do sudeste. Depois analisamos as letras compostas em oficinas anteriores e com o auxílio do educador da turma realizamos novas composições de versos rimados.

Os adolescentes nos surpreenderam a cada oficina com a intensa produção, e pela profundidade que aos poucos suas letras apresentavam. Ao analisar suas letras observamos recorrentes denúncias, típicas do rap. Com temáticas que citam a criminalidade, o abuso de autoridade, as relações de poder e outros aspectos, demonstrando a visão destes jovens a respeito de suas duras realidades cotidianas assim como a de outros tantos adolescentes de periferia. Diante de tais observações decidimos que era válido desenvolver momentos de escuta e que ao mesmo tempo possibilitasse a expressão destes adolescentes. Ordenamos a oficina de forma que, a cada letra apresentada em Power Point para a turma, um adolescente que se sentisse a vontade, era convidado a cantar ou recitá-la para a turma. Discutimos então um pouco sobre cada temática proposta nas composições.

Juntamente com a proposta de elaboração dos sentimentos dos alunos, de suas visões sobre o lugar onde viviam e outros aspectos referentes à

adolescência, buscamos trazer para os alunos fontes que dessem embasamento e inspiração para suas composições.

Trabalhando com a proposta de realização de um processo de construção, estávamos cientes da necessidade de trabalhar com o que tivéssemos em mãos. Porém, nem sempre as circunstâncias eram alegres e favoráveis de início. Uma circunstância em especial nos trouxe muito aprendizado. Havia chovido e ventado muito na noite anterior ao da realização da oficina. Os educadores e coordenação da CZ já haviam nos avisado que, em situações como aquela, muitos adolescentes não iam para a ONG em função dos estragos causados em suas casas e vizinhança. Neste dia havia aproximadamente metade da quantidade corriqueira de alunos. Juntamente com o educador da ONG iniciamos a oficina partindo de uma conversa com os alunos sobre os estragos causados pela chuva. Os adolescentes contaram um pouco sobre as conseqüências desastrosas da chuva em casas e comércios da comunidade em que moravam. Dentre os relatos citaram barracas de lanches e telhados de casas que voaram e falta de energia elétrica que durou horas ou até a noite inteira.

Após esta primeira conversa o educador propôs um jogo de desafio com rimas entre os alunos. O jogo se deu da seguinte forma: com a turma dividida em dois grupos, cada um com seis participantes, propomos que a partir do tema discutido, eles realizassem perguntas para o grupo adversário responder em forma de rima. De início, os alunos ficaram com vergonha, houve muitos risos e sentíamos que havia certa resistência em realizar as rimas. Mas aos poucos, com a participação dos educadores, as participações dos alunos aumentaram e alguns diálogos em rimas foram feitas. Este dia, em especial, foi para nós, e acreditamos que para os adolescentes também, muito significativo.

Em um determinado momento, as oficinas já estavam sendo desenvolvidas e caminhavam relativamente bem. Com alguns resultados sendo apresentados, sugerimos a realização de uma oficina especial onde, toda a turma oriente participaria unida, musicando as letras compostas e realizando a junção das propostas da duas oficinas.

Para encerrar as atividades do semestre organizamos uma visita ao museu afro brasileiro com a participação de todos os alunos participantes do projeto.

Ao final do período de férias, retomamos nossas atividades na Casa com a proposta de retomar o que foi desenvolvido no semestre anterior para servir de base para a realização de uma conclusão e entrada em uma nova temática, os gêneros da poesia popular nordestina.

Para alcançarmos os objetivos propostos por nós para esta nova etapa propusemos o resgate das origens de cada um a partir de um trabalho com a árvore genealógica dos educandos. Estabelecendo o paralelo entre as raízes da árvore e a sustentação que estas trazem e a sustentação necessária para nós humanos, propusemos a realização de trabalhos artísticos que estimulassem esta pesquisa por parte dos alunos. Demos algumas sugestões sobre como começar, mas deixamo-los livres para escolher o modo de expressão que mais apreciassem, seja por meio da escrita ou de desenhos. Em grupos, eles passaram a realizar a atividade. Durante a atividade, observamos que para alguns, ela se fazia muito trabalhosa, pois estes não chegaram a conhecer grande parte da família, ou por motivo de falecimento, ou por perda de contato. Para outros, a atividade transcorreu facilmente, e apesar de não terem conhecimento sobre um ou outro elo de parentesco, seguiam normalmente com a atividade. Para outros, em particular, foi possível perceber que lidar com a questão familiar trazia certa dor e por vezes até os faziam rejeitar a atividade. Ao finalizarem suas árvores, fizemos uma roda e uma conversa sobre as origens dos alunos, dos educadores, e de certa maneira do Brasil. Foi aberto um espaço para que cada um dissesse o que achou da atividade, se esta apresentou muita facilidade ou dificuldade. Alguns dos adolescentes expuseram que acharam difícil, pois não haviam tido a oportunidade de conhecer grande parte da família, como o lado paterno, por exemplo. Outros acharam difícil por terem pais separados, por não conhecerem os nomes reais de seus parentes, ou por terem famílias muito numerosas. Um aluno expôs que achou muito interessante fazer a atividade por ter proporcionado a consciência sobre a quantidade de familiares que ele tem. Em seguida, cada aluno falou sobre sua origem, de onde seus pais e avós vieram.

Muitos mencionaram estados, como Bahia e Minas, mas também houve alunos que afirmaram saber que o bisavô veio de Portugal, por exemplo. Esta conversa possibilitou falar um pouco sobre a história do país que estava relacionada, principalmente à vinda dos escravos, no período colonial. Ainda foi possível relacionar as raízes do país, e conseqüentemente, as raízes dos alunos, com a visita ao museu afro-brasileiro.

Diante do grande interesse dos alunos, surgiu a sugestão de um dos educadores, para que fosse realizada a reprodução de um filme que tivesse relação com as origens negras do país e os assuntos abordados até então. Após analisarmos algumas sugestões, optamos pela reprodução do filme “Quilombo” de Carlos Diegues que apresenta uma bela narrativa sobre o Quilombo de Palmares. A reprodução do filme ocorreu em partes durante algumas oficinas. Após a reprodução do trecho realizávamos uma discussão sobre os conteúdos apresentados e suas percepções sobre estes.

A reprodução do filme permitiu conversarmos sobre mais alguns assuntos, como a diáspora dos africanos do oeste da África para os estados da Bahia e de Pernambuco, que foi alimentada pelo tráfico intenso de escravos de toda a costa oeste da África para vir trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar. Também foi falado sobre o processo de substituição da mão-de-obra indígena quando o ciclo do açúcar começou a declinar e ser substituído pelo ouro, momento em que o tráfico começou a ser deslocado para Minas, até que, no final do século XIX começaram as grandes plantações de café em São Paulo, para onde foram deslocados novos contingentes de escravos. Salientamos que, com a abolição, que se deu depois de muitas rebeliões e fugas de escravos, a mão-de-obra escrava foi substituída por imigrantes. Durante cerca de mais de 40 anos, os trabalhadores negros foram afastados do trabalho e da formação de mão-de-obra em razão da contratação de imigrantes, resultando em um atraso de oportunidades de no mínimo 40 anos em relação a estes trabalhadores.

Para finalizarmos este ciclo, apresentamos aos alunos a música “Antigamente quilombo, hoje periferia” do grupo Z’Africa Brasil. A partir desta letra, do filme e das discussões anteriores estabelecemos, juntamente com os alunos, uma relação entre o passado escravocrata do país e as formações das

hiper-periferias. Os alunos realizaram mais algumas composições. Nestas é possível observar claramente a presença dos conteúdos elaborados até o momento e identificar um grande crescimento desde as primeiras composições¹².

IV.4 - Dificuldades encontradas

Durante a realização desta etapa do projeto, encontramos dificuldades referentes a diversos fatores. Uma destas diz respeito à dificuldade de desenvolver um trabalho que busca uma forma de criação que de certa maneira toca nas feridas e dificuldades vivenciadas por estes alunos. Desenvolver tais atividades, muitas vezes causa um acerta resistência inicial por parte dos alunos e principalmente de muitos dos educadores tradicionais que diversas vezes optam pelo recalque de temáticas consideradas “incômodas”, como, por exemplo, o racismo. Outra dificuldade vivenciada por nós durante a aplicação desta proposta remete-nos à educação pública de má qualidade oferecida na região. Durante as oficinas pudemos observar que muitos dos conteúdos, considerados básicos, não haviam sido previamente oferecidos aos alunos, causando uma grande defasagem na educação destes. Tais exemplos puderam demonstrar a má qualidade da educação básica que é oferecida em grande parte das periferias do país, principalmente do Estado de São Paulo. A presença de uma história única passada aos alunos a partir de uma visão eurocêntrica, que excluiu a história do passado dos afro-descendentes no país, também nos despertou muita atenção. Por diversas vezes, alguns dos próprios alunos afirmavam e denunciavam em debates ou em suas composições o descaso, por parte do Estado, vivenciado por eles em departamentos básicos como educação de qualidade e outros. Entretanto, talvez a maior dificuldade encontrada por nós, tenha partido da própria instituição e de alguns dos educadores co-participantes. A cultura Hip Hop, ainda é vista como uma cultura inferior e da marginalidade e talvez por estes e outros motivos, algumas pessoas ainda apresentem resistência para com o

¹² Demais letras compostas pelos alunos durante este período da realização da pesquisa em Anexo I/I

trabalho desenvolvido a partir desta. Algumas vezes, também nos deparamos com atitudes de recalque da instituição para com as dores e sentimentos expressados pelos alunos, indo na contramão de nossas propostas, que visavam exatamente trabalhar a partir destes aspectos para também enriquecer as composições, assim como com o cotidiano destes educandos.

V – A título de conclusão

Após este primeiro período de pesquisa, foi possível refletir sobre a formação das hiperperiferias paulistanas, mais especificamente o Capão Redondo, onde está situada a ONG Casa do Zezinho, local de nossas intervenções (oficinas). Em meio às nossas convivências e trocas, identificamos a precariedade da educação formal oferecida ao adolescente na periferia e, paradoxalmente, a potencialidade da criação poético-musical como estratégia de formação histórica e cultural. Durante as oficinas, foram realizadas atividades de composição textual que propunham o relato do cotidiano vivido pelos alunos, além de propiciar o surgimento da denúncia de situações adversas, como os embates destes sujeitos com a polícia e o tráfico. A escuta de tais situações e o debate sobre as raízes histórico-sociais dos problemas enfrentados por suas comunidades, permitiu a emergência de anseios e expectativas dos adolescentes. As oficinas também proporcionaram relevantes discussões sobre seus anseios de reconhecimento e de liberdade dos adolescentes, assim como a permanência da discriminação em relação ao negro no Brasil, contrapondo-se ao mito da democracia social. Por fim, ficou evidenciada a importância da cultura Hip Hop, particularmente para estes adolescentes, como forma de denúncia e de afirmação étnico-social.

VII - Referências bibliográficas

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes médicas, 1981

AMARAL, M. G. T. do. A música e a psicanálise entre os adolescentes. *Estilos clinica*, vol.12, n.22, pp. 100-121. 2007.

_____ O Rap, o Hip Hop e o Funk: a “eróptica” da arte juvenil invade a cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras. *Psicologia USP*, vol.22, n.03, pp. 593-620. 2011.

BRITO, Teca Alencar de. Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical; SP: Peirópolis, 2001.

CARRIL, L. Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin. Afrodescendente - Identidade em Construção. São Paulo: EDUC/Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FERREIRA, M. *A rima na história o verso na história: um estudo sobre a criação poética e a afirmação étnico-social entre jovens de uma escola pública de São Paulo*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, USP-2010.

FERREZ, Manual Prático do Ódio. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

GONCALVES FILHO, José Moura. *Humilhação social: um problema político em psicologia*. *Psicologia USP*: São Paulo, v. 9, n. 2, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-65641998000200002)

[65641998000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-65641998000200002)
Acesso em: 29/09/2011

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. A música e o risco. Etnografia da performance de crianças e jovens participantes de um projeto social de ensino musical. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2006.

HILL, M. L. Beats, Rhymes, and classroom life: hip hop pedagogy and the politics of identity. Nova York: Teachers College Press, 2009.

JEAMMET, P. 100 Respostas a 100 questões sobre a adolescência. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. Em: ALMEIDA, M.I. e EUGÊNIO, F. (orgs) *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2006.

RELVAS, A. P. Adolescente(s), família(s) e escola(s). In: MEDEIROS, T. M. *Adolescência: Abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento*. 2000. Lisboa: Direcção regional da Educação, Outubro/2000. capítulo IV, p. 48-77.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2007

SOARES, L. E. et all. *Cabeça de porco*. Editora Objetiva: São Paulo, 2005.

SPOSITO, M. P. *Juventude, pesquisa e educação*. Revista de educação, vol.05 e 06, pp. 01 – 23, 1997. Disponível em: <http://www.cefetes.br/gwadocpub/Pos-Graduacao/Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20EJA/Publica%C3%A7%C3%B5es/anped2001/textos/encsposito.PDF> . Acesso em 17/12/2011.

Anexos I

Anexo I/A

Antigamente quilombo hoje periferia – Z'África Brasil

A que sentido flores prometeram um mundo novo?
Favela viela morro tem de tudo um pouco,
Tentam alterar o DNA da maioria.
Rei Zumbi! Antigamente Quilombos Hoje Periferia!
Levante as caravelas aqui não daremos tréguas não, não
Então que venha a guerra
Zulu Z'África Zumbi aqui não daremos tréguas não, não
Então que venha a guerra

Sempre a mil aqui Z'África Brasil
Pra quem fingiu que não viu a cultura resistiu
Num faroeste de caboclos revolucionários
È o Z Zumbi que Zumbazido Zuabido Zumbizado
A lei da rua quem faz è você no proceder
Querer è poder, atitude è viver
Hoje centuplicarei o meu valor
Eliminando a dor que afeta o meu interior
Querem nos destruir mas não vão conseguir
Se aumentam a dosagem mais iremos resistir
Evoluir não se iludir com inimigo
Que transforma cidadão em bandido, perito em latrocínio.
Os hereditários sempre tiveram seus planos
Ao lado de uma par de dólar furado e falso e se encantam
È cadeira de balanço ou è cadeira elétrica
Gatilhos tiros na favela e o sangue escorre na viela

Um dia sonhei que num campinho da quebrada era uma fábrica da Taurus
Ainda bem que era um sonho e aí fiquei um pouco aliviado
Mas algo em meu pensamento dizia pra mim
Porra! Se na periferia ninguém fabrica arma

quem abastece isso aqui?

O sistema não está do lado da maioria

Já estive por aqui sei lá quantas vidas e continua a covardia,

Esquenta não, somos madeira que cupim não rói, a gente supera

todas as drogas e as armas que estão aqui

devolveremos em guerra!

A que sentido flores prometeram um mundo novo?

Favela viela morro tem de tudo um pouco,

Tentam alterar o DNA da maioria.

Rei Zumbi! Antigamente Quilombos Hoje Periferia!

Levante as caravelas aqui não daremos tréguas não, não

Então que venha a guerra

Zulu, Z'África, Zumbi aqui não daremos tréguas não, não

Então que venha a guerra

Mundo abominado desorientado não seja um mini-game manipulado

Ignorando a ação do sistema, mas por outro lado

Faça sua Taboca, levante sua Paliçada

Prepare-se, não acredite em contos de fardas

A fumaça è o veneno que destrói as flores

A visão do mundo em diversos fatores sub julgado à valores

Consumem a essência em troca a sobrevivência

Assim espalham a doença, a fé, e a crença

E o povo lamenta tantos destroços tanta perda

Fio de quinhentos volts em muitas consciências.

Vejam: úlcera de ozônio, pânico da atmosfera

As coisas não estão nada bela, SOS planeta terra

Acredite à milhões de anos o poder impera, o oprimido resiste

e o opressor insisti na guerra,

Refúgio. Ver nuvem negra brilhar sistema o alvo certo

O mal aplicado diante de princípios morais lamentos, levantamentos

Históricos monumentos

Carne e osso meu corpo não è blindado seu peito

Biografia plano real

Agora nos encontramos mau excelentíssimo senhor presidente
do território nacional

Do sistema escudo, guerrilheiros do mundo duque 13 blefou

Zumbi,o redentor, agora o jogo virou,quilombos guerreou, periferia acordou

Cansamos de promessas, volta pro mato capitão

pois já estamos em guerra!!

A que sentido flores prometeram um mundo novo?

Favela viela morro tem de tudo um pouco,

Tentam alterar o DNA da maioria.

Rei Zumbi! Antigamente Quilombos Hoje Periferia!

Levante as caravelas aqui não daremos tréguas não, não

Então que venha a guerra

Zulu Z'África Zumbi aqui não daremos tréguas não, não

Então que venha a guerra

Medito a ação, hino da redenção

Os deuses encorajaram as almas dos fortes a não se perder a ilusão, éh

Na sombra do otário que se esconde o mané, éh

Na hora que o bicho pega que a gente vê qual è que è

evite atrazalado, tem pangaré que não vale um prato

Aqui é lobo do mato, tem xerife assustado com o cavaleiro solitário

Abre-te sésamo, mim não gosta de cara pálida

acham que sabem tudo mas na verdade não sabem nada

Controlam as doenças, controlam dinheiro,

Controlam cartéis, controlam os puteiros

Modificam o ar, criam cérebros atômicos

È o pai de família no bar, enquanto o filho está matando

Sugam da terra injetam no próprio homem

Alteram a natureza, Óleo no mar, fogo no monge

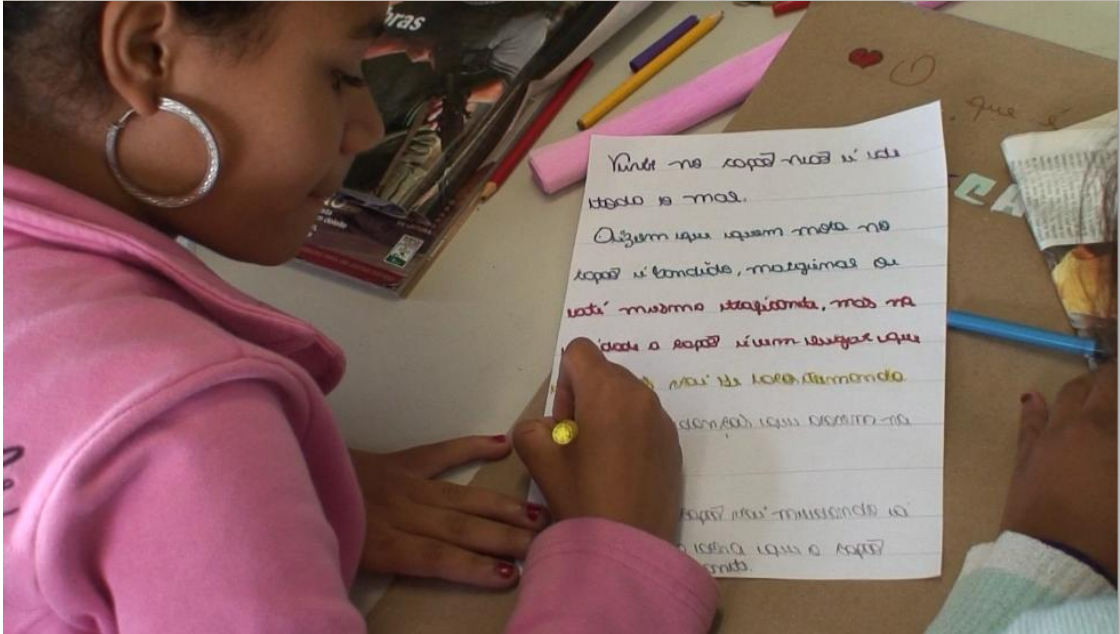
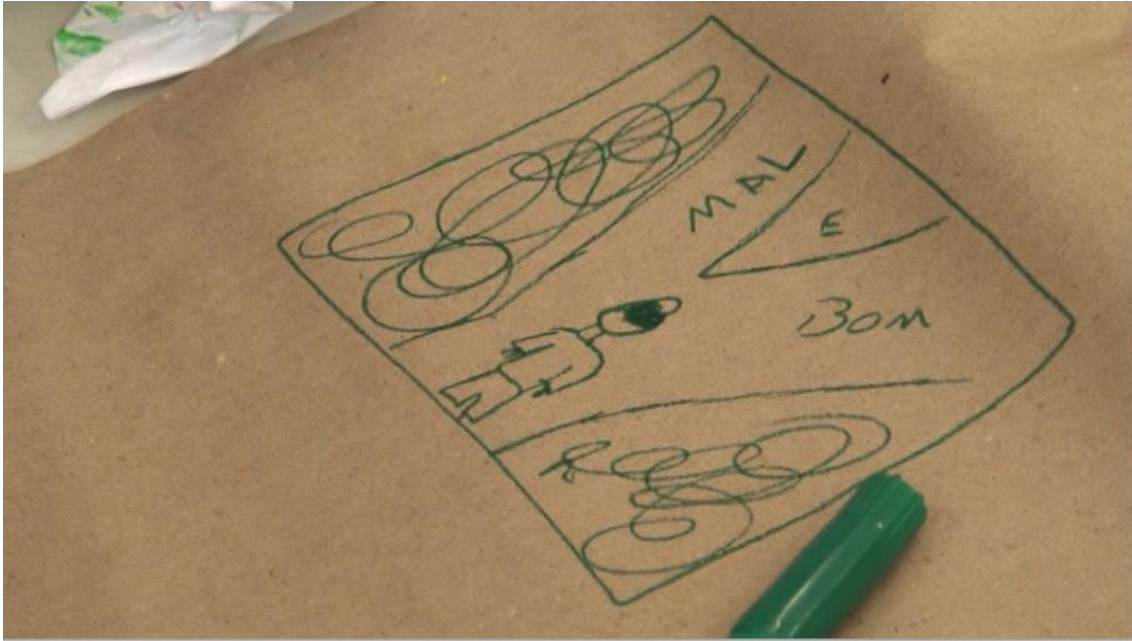
Jardins do éden, as flores tem cheiro de morte
Olhe o seu próprio COQUETEL MOLOTOV!

A que sentido flores prometeram um mundo novo?
Favela viela morro tem de tudo um pouco,
Tentam alterar o DNA da maioria.
Rei Zumbi! Antigamente Quilombos Hoje Periferia!
Levante as caravelas aqui não daremos tréguas não, não
Então que venha a guerra
Zulu Z'África Zumbi aqui não daremos tréguas não, não
Então que venha a guerra

Anexo I/B

1. Na foto 1, a educadora Raquel Martins (participante da pesquisa de Políticas Públicas intitulada “*Rappers, os novos mensageiros urbanos na periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa*”, também coordenado pela profa. Dra. Monica do Amaral que recebeu recentemente financiamento da FAPESP) segura um dos trabalhos dos alunos participantes da oficina.
2. Na foto 2 o próprio aluno apresenta seu trabalho, realizado em grupo, sobre “O que é ser adolescente no Capão Redondo”.
3. Na foto 3 é enfatizado um desenho realizado por um dos adolescentes participantes da atividade que demonstra seus sentimentos em relação à adolescência como uma etapa de decisões e mudanças.
4. Na foto 4 e última, uma das alunas redige um pequeno texto sobre sua perspectiva como adolescente moradora da região do Capão Redondo e expectativas para o futuro.





Anexo I/C

Composições dos adolescentes:

Fome zero

Eu no Capão com os irmãos
Batendo um bolão com mo fomão
Fui na padaria bater um pratão
Junto com os irmão
Chego lá não tinha pão
Tive que comer um pedaço de melão

Com os irmãos passou meia hora
Ai fui jogar bola,
na hora de ir embora
Eu comi uma carambola,
Depois fui no mercado comprar duas trakinas
e uma Tubaína
Cheguei em casa e fiquei com dor de barriga
Que combina com lombriga...

Autores: Luis Cleben, Adilson, Leandro, Lucas B. e Só!

Preconceito, aqui não!

Passei pela viela
gozei da cara (dela)
porque ela tava segurando uma vela,
olhei pro peito dela,
tenho orgulho da favela

Eu não tenho direito
sei que isso é preconceito
zuei daquele preto
que virava aquele beco

Sigo minha vida
num beco sem saída
com muitas maldades e falsidade
quando tinha sua idade
voltei para minha cidade

Tinha uma panela para fazer macarrão
com carne moída, batata e coisas boas de montão

Vi um favelado que não era respeitado
pela mãe era maltratado
e queria ser deputado

Autores: Jennyfer, Leonardo, Larissa e Vitoria.

Anexo I/D

Pivete – Chico Buarque

No sinal fechado ele vende chiclete
Capricha na flanela e se chama Pelé
Pinta na janela, batalha algum trocado
Aponta um canivete e até
Dobra a carioca olerê, desce a Frei Caneca olará
Se manda prá Tijuca, sobe o Borel
Meio se Maloca, agita numa boca
Descola uma mutuca e um papel
Sonha aquela mina olerê, prancha, parafina, olará
Dorme gente fina, acorda pinel
Zanza na sarjeta, fatura uma besteira
E tem as pernas tortas e se chama Mané
Arromba uma porta, faz ligação direta, engata uma primeira e até
Dobra a Carioca, olerê, desce a Frei Caneca, olará
Se manda prá Tijuca na contramão
Dança pára-lama, já era pára-choque
Agora ele se chama Emersão
Sobe no Passeio, olerê, Pega no Recreio, olará
Não se liga em freio nem direção
No sinal fechado ele transa chiclete
E se chama pivete e pinta na janela
Capricha na flanela, descola uma bereta
Batalha na sarjeta
E tem as pernas tortas

Assim segue – Terceira safra

Lá se vão um, dois, três, quatro, mil
Num mar de gente sem futuro aqui é brasil
Todo dia uma batalha nessa guerra sem ter fim
Amo minha pátria mas minha pátria já não vê assim

Não tem parquinho só criança no farol
No fim do dia a calçada vira lençol
Onde sonhava em ser criança, acabou a esperança,
Roubaram a sua infância e hoje só quer vingança

Prisão sem cela, prisioneiro sem corrente
Pura sequela, máquina de delinquente
Povo resistente, força de capoeira
Te faz formar no morro as black panther brasileira
Aqui barraco é luxo, sociedade em declínio
Pra morador de rua viaduto é condomínio
tô cansado de promessas, provaram quem são fraude
Pra quem mora em brasilia o planalto virou playground
Não quero chuva de bala pra ver as mãe sofrer
Mas nasci soldado então é matar ou morrer
Entre as presa do mundão, a maior foi a paz
E hoje a favela sabe a falta que ela faz
Com vocês, planeta, ódio, salve, mundo cruel
Não vou seguir, sem terminar o meu papel

Ohh Pai do céu por favor me dê coragem
Pra vagar nesse inferno que eles chamam de cidade
Só fita os moleque sem pai, sentindo ódio
Em vez de pular muro querendo subir nos pódio
Dá revolta né? mas tem culpa em parcela
Tem nego que vira liga e esquece da favela

E assim desde o início não dá pra escapar
A vida corre perigo tó tá longe de acabar
Isso é só um resumo que me faz pensar
Que só com outro Big Bang que o mundo vai mudar
E um momento de conflito sempre penso em vários,
Será que o amor nasce da alma de onde temos plantado,
É claro, se eu fizer isso, pensando em retorno
A ingratidão é bem maior pra me matar de desgosto

O mundo, onde a guerra se disfarça de paz,
Onde a única esperança do homem não existe mais
Sou capaz de correr pelos que não pode
E acreditar que é nois memo porque aqui ninguém socorre
Seria bom se fosse só uma mão lava a outra

E nunca usada pra tomar atitude tola
Um sorriso sempre é bom pra mostrar que vencemos
A mão-de-obra barata que nos submetemos
Todo dia, pra viver de uma forma
Quantos morreram tramando e não tão nos livro de história
É foda, trabalhar e saber o que eu ganho
Não me deixa morrer mas não compra meu sonho
Se os neguinhos sem pai que é esquecido no tempo
Amanhã não é o congresso que será o bom exemplo
As favelas, são locais de sentimentos destruídos
Que a cada segundo choram no teu ombro amigo
Só quem chora sabe, cada peso de uma lágrima
Queria os neguinho de trófeu na foto com as medalha
Se pudesse eu programava o amor no ser humano
E o ódio deletava, ao decorrer dos anos

No passado chicotada era pra negro revoltado
Hoje o chicote é cromado e atribuído no enquadro

E é o medo dos moleque na abordagem violenta
Alimenta o nosso ódio que por eles só aumenta
Sonhos mudam a vida, faço minha trajetória
O sistema opressor não impede minha vitória
Quero subir no pódio e gritar que eu venci
Porque na guerra eu já tô desde o dia que eu nasci.
E foi aí que eu decidi escrever rap, e fui
Encontrar o caminho onde um homem evolui
Tava cansado do que o mundo oferecia de bandeja e fui atrás,
Sabia que existiria mais

Por trás das leis, por trás da verdade forjada
Encontrei amigos e um sonho nessa caminhada
Se Deus me deu caneta, eu devolvi poesia
Passei a decorar todos rap que eu ouvia
E um dia comprei uma corrente, que tinha cor de prata
Mas não era de prata (não), reciclagem de lata
Comprei duas camiseta bem larga junto
Um mes depois comprei uma calça pra fechar o conjunto

E me senti mais vivo, funcionava como incentivo
Mais um motivo, pra eu acalmar meu lado agressivo
Depois joguei tudo isso fora, enfim
Tava maduro pra enxergar que o rap já tava dentro de mim
Tipo Daniel San, Mestre Miyagi,
O Karatê que vem de dentro da alma, não há quem pague
Pupilo consciente, mostrei dedicação
Meu coração é uma junção de Brown, MV e Helião
Sou os tiozinho nos bares, fujo da solidão
Sou família nos lares, fujo da multidão
Sou zumbi dos palmares, fujo da escravidão
Mas meu quilombo é fone nos ouvido e rap pesadão
Somos Notorious BIG, também somos Tupac

Irmão que sai do crime, pivete que larga o crack
O rap é piripaque no seu sistema nervoso
Do caminho que eu escolhi hoje eu sou orgulhoso
Muita treta chegar, mais ainda manter
Se a caneta estourar, vou sangrar pra escrever
A dedo pra que a nossa honra seja mantida
Pois quem tem medo de sofrer não merece o melhor da vida (não)

E assim segue

E assim segue

Terceira safra (aham)

É nois.

Anexo I/E

Fim de Semana No Parque

Racionais Mc's

"A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL"

Chegou fim de semana todos querem diversão
Só alegria nós estamos no verão,
mês de Janeiro São Paulo Zona Sul
Todo mundo a vontade calor céu azul

Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradadas prum basquetebol
Não pega nada
Estou à 1 hora da minha quebrada
Logo mais, quero ver todos em paz
Um dois três carros na calçada
Feliz e agitada toda "prayboyzada"
As garagens abertas eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente queimada sorridente
A mesma vaca loura circulando como sempre
Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem mas na minha não cresce
sou assim e estou legal, até me leve a mal
malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me dê 4 bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano

Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino A molecada lá da área como é que tá
Proavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não tem video-game às vezes nem televisão
Mas todos eles tem Doum, São Cosme e
São Damião A única proteção.
No último natal papai Noel escondeu um brinquedo Prateado, brilhava no meio
do mato
Um menino de 10 anos achou o presente,
Era de ferro com 12 balas no pente
E fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
ê que alguém os ensinasse a dirigir
Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

Refrão:

Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar Fim de Semana no parque
Vou
rezar pra esse domingo não chover
Olha só aquele clube que da hora.
Olha aquela quadra, olha aquele campo Olha,
Olha quanta gente
Tem sorveteria cinema piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart dá pra ver
é igualzinho o que eu ví ontem na TV,
Olha só aquele clube que da hora,
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar
nem se lembra de ontem de onde o futuro
ele apenas sonha através do muro...
Milhares de casas amontoadas ruas de terra
esse é o morro a minha área me espera
gritaria na feira (vamos chegando !)
Pode crer eu gosto disso mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
é quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam bam bam e o que manda O pessoal
desde às 10 da manhã está no samba Preste
atenção no repique atenção no acorde (Como é que é Mano Brown ?)
Pode crer pela ordem
A número número 1 em baixa-renda da cidade Comunidade Zona Sul é
dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro
Polícia a morte, polícia socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari

Pronúncia agradável
estava inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra
matar e M.E.R.D.A.
Como se fosse hoje ainda me lembro
7 horas sábado 4 de Dezembro
Uma bala uma moto com 2 imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
E indiretamente ainda faz,
mano Rogério esteja em paz
Vigiando lá de cima
A molecada do Parque Regina

Refrão

Tô cansado dessa porra
de toda essa bobagem
Alcolismo,vingança treta malandragem
Mãe angustiada filho problemático
Famílias destruídas
fins de semana trágicos
O sistema quer isso
a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê

Refrão

"Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos Vamos investir em nós
mesmos mantendo
distância das Drogas e do alcool. Aí rapaziada do Parque Ipê,Jd. São Luiz, Jd.
Ingá, Parque Ararí,
Váz de Lima Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara É isso aí mano

Brown

(é isso ai Netinho paz à todos)"

Diretoria

DJ Marlboro

Don Don Don Don Don Don Don...

vai...

Diretoria

Tá de pé

Ai mané

Olha a revolta

Do muleque sofredor

Se jogou nas ondas da maldade

Maluco agora é tarde

O seu castelo desabou

Selva de pedra em que vivemos

Pra se esquivar do tormento

Temos que nos libertar

O clima aqui está difícil

Mas se liga ai parceiro

Que eu vou continuar

É...

Eu peço a Deus para que olhe por nós...

Don Don Don Don Don Don Don...

Venderam os meus pensamentos

Mas não calaram a minha voz

Don Don Don Don Don Don Don...

Eu sou guerreiro
Sou certo
E não admito falha
Favela dá um papo reto
Não somos fãs de canalha
Eu sou guerreiro
Sou certo
E não admito falha
Favela dá um papo reto
Não somos fãs de canalha

REFRÃO

Mas ficar dibob e boladão
Não fica em pé se falhar na missão
Que o funk é pra curtir na disciplina
É o batidão da baixada santista
Mas ficar dibob e boladão
Não fica em pé se falhar na missão
Que o funk é pra curtir na disciplina
É o batidão da baixada santista

(Quero ouvir... Vamo lá... Vem!!!)

Do muleque sofredor

Diretoria
Tá de pé
Ai mané
Eu sou guerreiro
Olha a revolta do muleque sofredor
Se jogou nas ondas da maldade
Maluco agora é tarde

Seu castelo dezabou
Selva de pedra em que vivemos
Pra se esquivar do tormento
Temos que nos libertar
O clima aqui está difícil
Mas se liga em fazer
O que eu vou continuar
É...
Eu peço a Deus para que olhe por nós...

Don Don Don Don Don Don Don...

Venderam os meus pensamentos
Mas não calaram a minha voz

Don Don Don Don Don Don Don...

Sou certo
E não admito falha
Favela dá um papo reto
Não somos fãs de canalha
Eu sou guerreiro
Sou certo
E não admito falha
Diretoria
Tá de pé
Ai mané
Olha a revolta

Favela dá um papo reto
Não somos fãs de canalha

REFRÃO

(Vaiiiiiii...)

Don Don Don Don Don Don Don...

Anexo I/F (A ortografia foi mantida da forma que foi escrita pelos alunos)

Bonde do Zezinho

Casa do Zezinho é uma casa de atenção
Se liga na idéia presta muita atenção
Bonde do Zezinho não é brincadeira não
Os menor é pelo sertão e também tá fechadão

Autores: Janaína, Renan, Washington, Caio H.

Queremos liberdade

Eu Sou O Mano Bratti E agora eu vo fala
com toda humildade essa rima vo manda
eu tava no capão escutado o batidão
ai chegou os cana e mandou baixa o som
ai o mano zézé foi com os cara debate
os cara levou ele eu ja fui la resolver
chegou o mano galinhO com o seu tres oitão
os cara ficou bravo e levou pra denteção
ai o mano adilson chegou com o seu golfaO
os cara ficou puto e levou logo o golfão
ai fiquei nervoso subi foi no morrao
chamei o mano carosso pra acaba com a desculção.

VoL Manda Um Salve Para O Capão
è Para A Vila FundãO Para A Vila Do Sapoo Que Esta Lado A Lado Com
Noiis.

Autores: Leandro, Bratti, Adilson !!!

Curtir o pancadão, tiro não!

Passei pela viela escutei um barulhão
Era um som de tiro que estrondou lá no capão
Na onde os mano chega pra mandar sua rima então
Eu moro na favela com os meus irmãos
Chamei os meus parceiros pra colar no pancadão
Cheguei lá no pancadão, de golfão, rebaixado até o chão
Escutado um funk e vendo as novinha requebrando até o chão
FIM !

MC'S: Lukinhas, Larissa, Deivid, Camila é só

O presidente aloprado

Falei com o presidente
Zoei daqueles dentes
Era muito amarelo
Parecia um caramelo
O nariz era muito grande
Parecia um hidrante

E logo o presidente
Queria me matar
E chamou os cegurança
Pra me segurar
Mas como sou zica
Puz a cobra pra fuma

Autores: Luiz Felipe, Wesley O. e Leonardo Santos

Anexo I/G

Paula Fernandes – Pássaro de fogo

*Vai se entregar pra mim.
Como a primeira vez,
Vai delirar de amor, sentir o meu calor
Vai me pertencer...
Sou passaro de fogo, que canta ao teu ouvido.
Vou ganhar esse jogo, te amando feito um louco.
Quero teu amor bandido
Minha alma viajante.
Coração independente.
Por você corre perigo.
Tô a fim dos teus segredos.
De tirar o teu sossego.
Ser bem mais que um amigo..*

O que é ser menina pra mim?

- Ser menina pra mim é ter orgulho de ter uma beleza interior, ser delicada, vaidosa e etc. Isso o que o homem não tem.

Autora: Jennyfer Renata

Anexo I/H

A Vida É Desafio

Racionais Mc's

"Tem que acreditar.

Desde cedo a mãe da gente fala assim:

'filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.'

Aí passado alguns anos eu pensei:

Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que aconteceu? duas vezes melhor como ?

Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez.

E sempre foi assim.

Você vai escolher o que tiver mais perto de você,

O que tiver dentro da sua realidade.

Você vai ser duas vezes melhor como?

Quem inventou isso aí?

Quem foi o pilantra que inventou isso aí ?

Acorda pra vida rapaz"

Sempre fui sonhador, é isso que me mantêm vivo,

Quando pivete meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo.

Mas o sistema limita nossa vida de tal forma

Que tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver.

Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso

Porém, o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido,

Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico.

Em busca do meu sonho de consumo

Procurei dar um solução rápida e fácil pros meus problemas,

O crime.

Mas é um dinheiro amaldiçoado,

Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava.

Logo fui cobrado pela lei da natureza, vixi
14 anos de reclusão.
Barato é loco, barato é loco...
É necessário sempre acreditar que o sonho é possível,
Que o céu é o limite e você truta é imbatível.
Que o tempo ruim vai passar é só uma fase,
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem.
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder.
Falo do amor entre homem, filho e mulher,
A única verdade universal que mantém a fé.
Olhe as crianças que é o futuro e a esperança,
Que ainda não conhecem, não sente o que é ódio e ganância.
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado, viciado se afunda
Falo do enfermo irmão, falo do são, intão
Falo da rua que pra esse louco mundão
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão as vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição como um véu que cega os irmão
Que nem um carro guiado na estrada da vida
Sem farol no deserto da trevas perdida
Eu fui orgia, ego louco, mas hoje ando sóbrio
Guardo o revólver quando você me fala em ódio
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, espírito
Ouço o refém e o que diz la no ponto lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo preconceito de irmão pra irmão
A vida não é o problema é batalha desafio
Cada obstáculo é uma lição eu anuncio
É isso ai você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar

Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos
Várias famílias, vários barracos,
Uma mina grávida
E o mano ta la trancafiado
Ele sonha na direta com a liberdade
Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade
Na cidade grande é assim
Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim
No esporte no boxe ou no futebol alguém
Sonhando com uma medalha o seu lugar ao sol porém
Fazer o que se o maluco não estudou
500 anos de brasil e o brasil aqui nada mudou
"desesperô aí, cena do louco,
Invadiu o mercado farinhaado armado e mais um pouco"
Isso é reflexo da nossa atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade
Não é areia, conversa, chaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que tramar ou ripar pros irmãos sustentar
Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
Será extinto ou consciência
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência
"o aprendizado foi duro e mesmo diante desse
Revés não parei de sonhar fui persistente
Porque o fraco não alcança a meta
Através do rap corri atrás do preju
E pude realizar meu sonho
Por isso que eu afro-x nunca deixo de sonhar"
Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi jesus de calça bege e o diabo vestido de terno

Mundo moderno, as pessoas não se falam
Ao contrário, se calam, se pisam, se traem, se matam
Embaralho as cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão
O que é bom é pra si e o que sobra é do outro
Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto
É muito louco olhar as pessoas
A atitude do mal influencia a minoria boa
Morrer a toa que mais, matar a toa que mais
Ser presa a toa , sonhando com uma fita boa
A vida voa e o futuro pega
Quem se firmo falo
Quem não ganho o jogo entrega
Mais um queda em 15 milhões
Na mais rica metrópole suas varias contradições
É incontável, inaceitável, implacável, inevitável
Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores
Qual é a fita, a treta, a cena ?
A gente reza foge continua sempre os mesmo problemas
Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
Vaidade, ambição, munição pra criar inimigo
Desde o povo antigo foi sempre assim
Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim
Enfim, quero vencer sem pilantrar com ninguém
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém
O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho não me acorde nunca mais
Roleta russa quanto custa engatilhar
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar
"é isso ai você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar

Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos"
Geralmente quando os problemas aparecem
A gente está desprevenido né não
Errado!
É você que perdeu o controle da situação
Perdeu a capacidade de controlar os desafios
Principalmente quando a gente foge das lições
Que a vida coloca na nossa frente assim tá ligado
Você se acha sempre incapaz de resolver
Se acovarda morô
O pensamento é a força criadora
O amanhã é ilusório
Porque ainda não existe
O hoje é real
É a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança
Ta no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do presente
Parasita hoje
Um coitado amanhã
Corrida hoje
Vitória amanhã
Nunca esqueça disso.

Anexo I/I

Aprender a aprender

Aqui no Zezinho eu vou te que te avisar
Porque aqui a humildade está em todo lugar
Mas não pode vacilar
Quando você vem pro Zezinho não é só para brincar
Vem também pra aprender e para ensinar

Autor: Renan

Siga em frente

Não sei o que fazer
Não prestei atenção
Inayá quis me ajudar
Mas falei que não

Ela então me perguntou
Você prestou atenção?
E a resposta foi
“sei não”

Menino isto não é certo
Precisamos de atenção
Ler ouvir e escrever
Ainda são bela lição

Inayá – Maio/2011

Humildade em primeiro lugar

Sou o mc Leonardo
Vim mandar uma rima
E representar os moradores do jardim Lídia

Ei amigão tu é lá do Capão
Ei amigaço tu é do campo do astro
Ei amigo vem cá tu é do Maracá

No Capão todo mundo é irmão
No campo do astro tem muito trabalhador
Eles brigam mais depois
Todo mundo se reúne com amor

No Maracá todo mundo brinca
Mas também arruma encrenca

Autor: Leonardo Santos da Silva

O craque segue seu rumo

Não queria jogar bola nesta circunstância
Só queria jogar bola, futebol com criança
Foi eu que vacilei desculpa aí
É sem graça do meu jogo ruim
Desgaste é que mata
Um jogo que mata sem ódio e covardia
Minha cabeça maquinava vazia
Mais tem alguma coisa aqui dentro que me corroi
Aposentou-se meu super heroi (no caso Ronaldo)

Autor: Luiz Felipe (São Paulino)

Luis Cleber

Sexta feira faz um ano que
Meu coração fechou quem
Morava dentro dele tirou a chave
E levou

Autora : Janaína

O amor fracassado

Para que lutar sem nada conquistar
Amar por amar, viver por viver
Sem nada querer!

Autora: Mayara dos Santos Souza

Se droga fosse bom não teria este nome

Se liga meu amigo preste muita atenção
Eu vim falar da droga que não é brincadeira não
Ela é muito loka escute o que eu vou falar
Você da o primeiro trago e já não consegue parar
Então eu vou da um papo chega de gracinha
A melhor droga que tem é uma menina novinha

Autores: Jonathan, Marcos Roberto, Caio, Renato

Humildade em primeiro lugar

Tantos amigos nesta vida

Nós vamos encontra
Que aperta a nossa mão
Mais quer nos derruba

Na escola na rua e no trabalho
também só não podemos esquecer
das pessoas do bem

Um Salve Para a família Kennedy para o bonde do Pantanal Que Estamos
Lado a Lado

Para fala com ele é só liga ****3308 não trabalho de graça 3 reais o show

Autor: Leandro

Rap do Meio Ambiente

Chegou o fim de semana
Todos querem ajudar
A limpar nossas ruas
Vamos colaborar

Nosso rap é bom
Todos querem ouvir
Chega de queimar
Vamos contribuir

Nosso rap é bom
Chega de falar
Venha meu amigo
Vamos participar

Vamos lá rapaziada

Vamos ajudar
A limpar nossas ruas
Para não inundar

O meio ambiente é importante
Importante demais
Faça direito
Não erre jamais

Você vê na TV
O Datena falando
“Nosso mundo Poluindo
E o ambiente acabando”

Nosso rap é bom
Todos querem ouvir
Chega de queimar
Vamos contribuir

Nosso rap é bom
Chega de falar
Venha meu amigo
Vamos participar

Eu não to de brincadeira
To falando sério
Isso mesmo meu amigo
O ambiente é mistério

Nosso rap é bom
Todos querem ouvir
Chega de queimar
Vamos contribuir

Nosso rap é bom
Chega de falar
Venha meu amigo
Vamos participar

De: Lucas Barbosa e Jhonatam Bernardo e Só

Somos todos iguais

Os negros estão cansados
De viver em buracos
Essas famílias precisam ser respeitadas
A prefeitura não quer saber de nada

Muitos negros não tem emprego
Por causa do racismo
E tem gente que finge
Que não tá nem aí pra isso

Meu amigo eles precisam de aconchego
Podiam ajudar dando casa pra morar
Queria ajudar mais não sei o que faço para colaborar
Será que um dia vai mudar?

Meu amigo o que é isso?
Vamos acabar com o racismo
Temos que dar emprego para os negros
Não tem que ter preconceito

Somos irmãos do peito
Todos nós somos humanos

Por isso meu irmão
Não podemos zoar os africanos

Os negros devem pensar
Para que viver sem nada ganhar
E para que lutar sem nada conquistar
Amar por amar
viver por viver
Sem nada receber

Sou o Mc Leonardo e Mc Janaína
Para representar
Os negros da periferia

Autores: Leonardo, Janaína, Mayara e Luis Felipe

Como seguir nesse mundo

Porque a vida é loka
Nóis vai te que te alertá
Porque na vida você tem
Que ta preparado pra perder e pra ganhar
Se não estiver preparado
A vida vai ensinar
E com o passar do tempo
Você vai aprender
Porque a vida não é conto de fadas
Preste atenção
A realidade está entre nós
E está no mundão

Autor: Renan

No limite

Hoje em dia o mundo não é mais o mesmo
Crianças lutando, destinos a esmo.
Mães e pais desempregados
Pra comprar roupas, sapatos
Socorro, meu Deus,
Queria estar empregado!

Comidas, produtos higiênicos
Também precisa comprar
Fazendo de tudo
Pra nada faltar

Tem crianças sem pais
Crianças pobres, tem demais
Sem lugar para morar
Procurando trabalhar
E o dinheiro levar
Para a mãe se drogar

Perdendo sua infância
Fazendo malabarismo
Limpando vidro dos carros
Pra ganhar algum trocado
e deixando de estudar

Por isso minha mãe
Eu vou tê que te falá
Nós tá se revoltando
Porque não tem comida

Pra gente se alimentar

E o que fazer nessa hora ruim?

Pedir ajuda pro governo?

Ou sair para roubar?

Porque não dá pra confiar

Nesse governo do Brasil

Eles não ajudam a favela

E as famílias muito menos

Autores: Jennyfer Renata, Larissa Lima e Renan Gomes.

A nossa mudança

Esta começando a mudar

O preconceito tem que acabar

Acho que daqui uns anos

Tudo isso vai mudar

Mais ainda falta muito

E quero dar um aviso

Ainda tem muita gente

Por trás de tudo isso

Falam que fazem escolas

Mas cadê, onde estão?

Se ficam com nosso dinheiro

Como fazer a construção?

Como eu disse no começo

Isso precisa acabar

Que tal pensarmos um dia

Em nos movimentar.

Autor: Gabriel e Gilson

Rap da irmandade

Na sala Oriente nenhum é delinqüente

Todos querem diversão

Nós tem orgulho do Capão

Todo mundo é humilde

Todo mundo é irmão

Nós vai para a balada

Junto com os irmãos.

Autor: Wellington

A periferia se animou porque a justiça chegou

Leo diz:

Rei Zumba toda essa batalha por nada

A periferia está cansada de trabalhar que nem condenada

A prefeitura não quer saber

Só quer ver a periferia se f****

Vamos batalhar para sobreviver

Mayara diz:

Um exemplo é o Luizinho um grande homem

Campanha da cidadania contra a fome

Jana diz:

O filme de quilombo um dia eu assisti

E muita coisa eu aprendi

Escravos morrendo, sofrendo a todo momento

Uma vida de escravo é um tormento

Refrão:

A chapa ta quente, a batalha começou

E a cena do crime a justiça chegou

Autores: Mayara, Leonardo, Janaina, Luiz Felipe

O mundo gira, o tempo passa

Antigamente o mundo tinha suas histórias

Todos se pintavam e mantinham seu corpo em forma

Vivia todo mundo em união

Não tinha ninguém na rua caçando pão

Cada um tinha sua casa

Hoje em dia tem gente na rua, mas isso passa

Seus filhos não ficavam na rua, só em casa

Hoje mães colocam seus filhos pra trabalhar

Para ganhar alguns trocados para se alimentar

As mães ganhavam seus filhos pra amar e criar

Hoje em dia mães falam que tomam pílulas para tentar abortar

Mães tomem vergonha na cara

Vocês querem abortar achando que o mundo vai virar conto de fadas

Criem seus filhos com muito amor

pra ele não crescer já botando terror

mudando de lado, sendo escravo

falando várias gírias como: “O seu vagabundo e otário”

mas escuta essa frase que eu vou te falar:

“O mundo hoje em dia não dá pra confiar”

Autores: Jennyfer Renata, Evelyn Martins, Jonathan Silva e Gilson Oliveira

Lição de um pivete

Deus é brasileiro e anda do meu lado

E Jesus é seu pastor

Aí Jhow fica ligado

Que quem com ferro fere

com ferro será ferido

Ditado do mais velho

que por sinal é mais sabido

Eu era um pivete, neguinho de favela

Meu pai é um bundão que vive vendo novela

Com medo de anão, escuta Belchior

E eu no meio da rua que é pior

Autor: Renan